

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

ALESSANDRA FIGUEIREDO KRAUS PASSOS

FONÉTICA E FONOLOGIA DA LIBRAS: O ACENTO

CÁCERES-MT

2018

ALESSANDRA FIGUEIREDO KRAUS PASSOS

FONÉTICA E FONOLOGIA DA LIBRAS: O ACENTO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino e coorientação professor Dr. Antonio Carlos Santana de Souza.

CÁCERES-MT

2018

© by Alessandra Figueiredo Kraus Passos, 2018.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

ALESSANDRA FIGUEIREDO KRAUS PASSOS

FONÉTICA E FONOLOGIA DA LIBRAS: O ACENTO

BANCA EXAMINADORA

Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Orientador – PPGL/UNEMAT

Dr. Antonio Carlos Santana de Souza
Avaliador Externo/Coorientador – PPGL/UEMS

Dra. Nilce Maria da Silva
Avaliadora Interna – PROFLETRAS/UNEMAT

APROVADA EM: ____/____/____

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus. Obrigado meu Deus! Ao Senhor toda honra e toda glória!

Ao meu orientador professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino, por ter aceitado esse desafio.

Ao meu coorientador professor Dr. Antonio Carlos, pela cumplicidade e valiosas contribuições.

Ao meu esposo Anderson e aos meus filhos Davi e Vitória, pelo apoio, o amor incondicional e o carinho sem medida.

A toda minha família, em especial aos meus pais.

Aos professores, parentes, amigos e a toda comunidade surda de Cáceres, que de alguma forma contribuíram para que este trabalho fosse realizado. A vocês, muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito a Deus pela misericórdia e graça em todas as fases que constituíram a elaboração deste trabalho. Sem Ele nada poderia iniciar ou terminar.

Ao meu professor orientador Wellington Pedrosa Quintino, pela serenidade, por seu zelo, paciência, desprendimento, transmissão de conhecimento e acolhimento com que me atendeu durante toda esta jornada de pesquisa no mestrado, por ter sido o grande incentivador desta pesquisa e por ter dado os primeiros passos ao meu lado, acreditando que podíamos vencer este desafio.

Ao meu professor coorientador Antonio Carlos pelo apoio, disposição em colaborar, pela amizade, atenção, cumplicidade, as conversas tão ricas de conhecimento, oportunidades, sugestões, e envio de materiais que foram importantíssimos para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao meu amado esposo Anderson, que sempre acreditou em mim e torceu por esta conquista quando ela ainda parecia disforme.

Ao meu filho Davi e a minha filha Vitória por serem, mesmo sem terem noção do que é um mestrado, constante fonte de renovação nos momentos de desânimo. Amo vocês, meus filhos.

Aos meus pais: Maria José, Odvaldo e Almirante, por serem uma das forças motrizes da minha vida, sempre se esforçando para me darem uma herança que ninguém poderá tirar de mim, meus estudos.

À minha família, pelo carinho e compreensão; pelas orações; os cuidados que tiveram com os meus filhos: a minha sogra (Eunice), meu sogro (Luiz); aos meus irmãos: Alexandra e Aleksandro; as minhas cunhadas Teile e Valéria, em especial a Girlene, por ter sido uma mãe presente aos meus filhos, em vários momentos; aos meus cunhados: Willen, Linsiod, Jaciel e Duarte.

Aos meus tios Aurora e Joarez, pelas orações, palavras amigas que tantas vezes serviram para que eu não desistisse dos meus sonhos.

À Professora Andréa, pelos ricos ensinamentos, pelo esforço em me ensinar sobre sua língua, Libras e por sua valiosa amizade.

À Professora Nilce, por ser a principal incentivadora da minha pesquisa sobre a comunidade surda e sua língua. Serei sempre grata por todo apoio que já me deu e acredito que continuará me dando, pois foi com você, Nilce, que eu aprendi a amar, respeitar e lutar por essa comunidade.

Às professoras: Gleide, Joelma, Nelci, Mariza, Mirami, Adriana, Emeli, Luciane, Solange e Eliana pelas sugestões de leitura e pelo apoio incondicional. O meu muito obrigada!

Ao professor Benício, por ser uma fonte de superação, que me punçiona a cada dia a lutar pelos meus sonhos. O meu muito obrigada!

À minha amiga Neildes, por ter sido calma e prestativa nos momentos que precisei de sua ajuda.

Ao meu amigo Ícaro, por ter aceito prontamente o convite para interpretar minha defesa.

Ao professor Taisir, pelo compromisso com o programa e o esforço de sempre apoiar a cada pesquisador, em especial a mim, pois, junto comigo e com meu orientador acreditou nesta pesquisa que parecia impossível.

A toda comunidade surda de Cáceres que sempre me aceitou, apoiou e me ensinou muito sem fazer acepção de pessoa, sempre prontos a colaborarem com meus estudos e me dando a honra de fazer parte do seu mundo.

Ao meu pastor Airton, pela compreensão da minha ausência nos cultos e nos trabalhos da Igreja.

Ao programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, pela oportunidade concedida de realizar mais uma etapa da minha vida.

Ao Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES/RJ e toda sua equipe de funcionários, pela calorosa recepção e grande apoio.

Ao Departamento de Letras da Universidade do Estado do Mato Grosso, UNEMAT, por ter me recebido, com carinho, no período de estágio docente.

À CAPES/FAPEMAT, pela bolsa despendida durante meu mestrado.

Aos meus amigos e colegas do mestrado, pelas risadas de nós mesmos, pela palavra: Prossiga!

E a Você que esteve à sombra, mas que certamente fez parte desta tarefa com desejo de contribuir um pouco mais. Grata por sonharem o meu sonho.

EPÍGRAFE

*E disse-lhe o Senhor: quem fez a boca do homem?
Ou quem fez o mudo, ou surdo, ou o que vê, ou
cego? Não sou eu, o Senhor.
(ÊXODO 4:11)*

RESUMO

A Libras é a segunda língua oficial do Brasil. Mesmo tendo modos e pontos de articulações diferentes daqueles das línguas oralizadas, é também, uma língua natural, logo possui uma estrutura fonética própria, formada por cinco parâmetros (Configurações de mãos, Movimento, Ponto de articulação, Orientação de mãos e Expressão não manual), além das estruturas fonológica, sintática, semântica e pragmática subjacentes, como também uma característica própria dela, que é a visual. Contudo, há carência de pesquisas, nessa área, em especial, estudos que tratem sobre os constituintes prosódicos, mais especificamente, um que está presente em todas as línguas oralizadas, o acento. Procurando corroborar com a institucionalização e fortalecimento dessa língua, buscamos, nesta pesquisa, compreender sua história e evidenciar a presença desse elemento prosódico na Libras. Para tal, a pesquisa foi desenvolvida com base em estudos realizados sobre o acento em ASL, pela autora Wilbur (1999), livros, artigos, dissertações e teses que tratam da fonética e fonologia da Libras e, para fins de comparação, bibliografias que abordam questões da fonética e fonologia do português brasileiro. Como base para análise deste estudo foram utilizados dados do Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras, que constitui nosso *corpus* referencial de análise, como também os traços distintivos de significado proposto por Ferreira (2010), e com este *corpus* nos propusemos apenas a evidenciar que o acento já (sempre) funciona nesta língua, porém ainda não fora o foco de nenhum estudo. Os resultados apontaram para a constatação de que esse constituinte prosódico também está presente na Libras, apesar de se apresentar de um modo diferente do que foi proposto por Wilbur (1999). Nos sinais analisados foram identificados sinais produzidos com uma sílaba, sinais com sequências silábicas e sinais com sequências silábicas simultâneas. Encontramos, também, sinais, em que esses modos são articulados de forma conjunta. Independentemente do modo como os sinais fonológicos foram produzidos, obtivemos nosso objetivo. O acento, alusivo na Libras, se manifesta a partir do peso silábico, como também por intensidade, duração e altura. E em decorrência de sua idiosincrasia, pode recair tanto na sílaba como no sinal.

Palavras-chave: fonologia; acento; Libras.

ABSTRACT

Libras is the second official language of Brazil. Even though modes and joint points are different from those of the oral languages, is also a natural language, so that it has a phonetic structure itself, which is articulated by five parameters (settings of hands, movement, place of articulation, guidance of hands and expression not manual). In addition to the phonological structures, syntactic, semantic and pragmatic, as well as its own particular feature, which is the visual one. However, there is a lack of research in this area, in particular, studies that treat on the prosodic constituents, more specifically, one that is present in all oral languages, the stress. Looking for support with the institutionalization and strengthening that language, we seek, in this research, understand its history and highlight the presence of this element in prosodic Libras. To this end, the research was based on studies conducted on the stress in ASL, by the author Wilbur (1999), books, articles, dissertations and theses that deal with the phonetics and phonology of Libras and, for comparison purposes, bibliographies that deal with issues of phonetics and phonology of the Brazilian Portuguese. As a basis for analysis of this study were used the new Delta data-Libras: Trilingual Illustrated encyclopedic dictionary of Brazilian sign language-Libras, that constitutes our *corpus* of analysis, but also it is reference for the strokes badges of meaning proposed by Fernandez (2010), and with this *corpus* we set out just to show that the stress is present in that language, but it was not the focus of any study yet. The results pointed to the fact that this prosodic constituent is also present in Libras, although it is present in a different way from that proposed by Wilbur (1999). In the analyzed signals were identified signs produced with one syllable, signs with syllabic sequences and signs with syllabic concurrent sequences. We find, too, signs, in that these modes are hinged together. Regardless how phonological signals were produced, we have achieved our goal. The accent, depicting in Libras, is manifest from the syllable weight, as well as by intensity, duration and time. And as a result of its idiosyncrasy, it can fall in both syllable as in the sign.

Key words: Phonology; accent; Libras.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A	Ataque
ASL	<i>American Sign Language</i> (Língua Americana de sinais)
C	Coda
CM	Configuração (ões) de mão (s)
ENM	Expressões não manuais
ELiS	Escrita de Língua de Sinais
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
INES	Instituto Nacional de Educação dos Surdos
L	Locação
Libras	Língua brasileira de sinais
LO	Língua Oral
LOs	Línguas Orais
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinal
LSCB	Sinais Brasileiros dos Centros Urbanos
LSs	Línguas de Sinais
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
M	Movimento
N	Núcleo
O	<i>Onset</i>
Or	Orientação das mãos
PA	Ponto de Articulação
PB	Português Brasileiro
R	Rima

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 – Abecedário Demonstrativo de Juan Pablo Bonet	24
Figura 1.2 – Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos de Flausino José da Costa Gama...	32
Figura 1.3 – Alfabeto para surdos de Geraldo Soares de Almeida, ex-aluno do INES.....	35
Figura 2.1 – Representação da organização hierárquica da fonologia prosódica.....	40
Figura 2.2 – Molde silábico do PB.....	44
Figura 2.3 – Parâmetros de sinal em Libras.....	49
Figura 2.4 – Configurações de mãos da Libras	50
Figura 2.5 – 61 Configurações de Mãos da Libras	51
Figura 2.6 – Sinais com movimento Retilíneo.....	52
Figura 2.7 – Sinais com movimento Helicoidal.....	52
Figura 2.8 – Sinais com movimento Circular.....	53
Figura 2.9 – Sinais com movimento Semicircular.....	53
Figura 2.10 – Sinais com movimento Sinuoso.....	54
Figura 2.11 – Sinais com movimento Angular.....	54
Figura 2.12 – Espaço de realização dos sinais.....	55
Figura 2.13 – Exemplo de transcrição fonética da Libras	60
Figura 2.14 – Exemplo de par mínimo de sinais que se opõem quanto ao PA.....	62
Figura 2.15 – Exemplo de par mínimo de sinais que se opõem quanto a CM.....	62
Figura 2.16 – Exemplo de sinal monossílabo.....	64
Figura 2.17 – Exemplo de sinal dissílabo.....	65
Figura 2.18 – Exemplo de sinal dissílabo, com duas sequências silábicas simultâneas.....	65
Figura 2.19 – Estrutura da sílaba na Libras.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 – Constituintes prosódicos.....	40
Quadro 2.2 – Categorias do parâmetro movimento da Libras	54
Quadro 2.3 – Quadro de Pontos de Articulação proposto por Ferreira.....	56
Quadro 2.4 – Expressões não-manuais da Libras	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	----

CAPÍTULO I

PERCURSO HISTÓRICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS	20
1.1 Historicidade do sujeito surdo e sua língua no mundo	20
1.1.1 Periodização da história dos surdos	21
1.2 Surdos do Brasil	28
1.2.1 Marco na história dos surdos brasileiros	28

CAPÍTULO II

PERCURSO TEÓRICO ANALÍTICO	38
2.1 Fonologia Prosódica da língua oralizada - LO	38
2.1.1 Palavra fonológica	41
2.1.2 Pé métrico	42
2.1.3 Sílabas	43
2.2 Definições de acento do Português Brasileiro - PB.....	45
2.3 Estrutura linguística da Libras.....	46
2.3.1 Precursor nos estudos das Línguas de sinais - LSs	47
2.3.2 Estrutura gramatical da Libras.....	48
2.3.3 Fonética e Fonologia das LSs	58
2.3.3.1 Fonética das LSs.....	59
2.3.3.2 Fonologia das LSs	61
2.3.3.2.1 Sílabas na Libras	63
2.3.3.2.2 Definição de acento em ASL.....	66

CAPÍTULO III

METODOLOGIA	70
3.1 Metodologia de análise.....	70
3.2 Metodologia para análise do acento em Libras	71
3.3 Critérios de seleção dos dados.....	71

CAPÍTULO IV

MANIFESTAÇÃO DO ACENTO EM LIBRAS	74
4.1 Averiguando os ‘sinais fonológicos’ e o pé métrico na Libras.....	74
4.2 Caracterizações articulatórias da Libras.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	93

INTRODUÇÃO

A escolha do tema do projeto de pesquisa para o mestrado se constituiu a partir da escolha do tema de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que nasceu de um desconforto que tive com uma jovem surda e, na época, eu não sabia diferenciar entre uma pessoa surda e uma pessoa muda, o que eu sabia era que ela não ouvia. O interessante é que quando conversávamos, ela sempre demonstrava compreender o que eu tentava lhe dizer, na maioria das vezes usávamos a escrita e foi aí que surgiu a curiosidade em saber mais sobre as formas subjacentes, ou seja, as estruturas que estão na gramática internalizada da Língua brasileira de sinais (Libras)¹, em outras palavras, a forma de base que estrutura todo e qualquer sistema linguístico, a fonologia da Libras.

Naquele momento procurei compreender como funcionava o processo de aquisição da escrita de pessoas surdas, pois pesquisas na área de aquisição da escrita de crianças surdas era, ainda, um campo novo, possibilitando-me entender esse processo, na educação de alunos surdos.

Toda criança ouvinte que passa pelo período da educação infantil, sente a sensação de estar adentrando ao mundo letrado e tem como privilégio a oportunidade de iniciar sua escrita. Isso não é diferente com a criança surda, embora o processo de aprendizagem seja bem diferente, pois essa criança, em razão de sua condição sensorial e linguística, passa por grandes dificuldades para adentrar ao mundo letrado, visto ter, na maioria das vezes, a Libras como primeira língua (L1). Língua essa, que legalmente não pode substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa (LP), sendo assim, essa criança irá aprender a escrita de uma língua que ela não usa e nem a oraliza. A Língua que usará será a língua majoritária do seu país, que no caso é a ensinada nas escolas.

Nas escolas brasileiras existem certas dificuldades para se ensinar a língua padrão, devido à existência da heterogeneidade linguística e cultural. E, em relação à educação para crianças surdas isso é um pouco mais complicado, pois, na maioria das vezes, os alunos chegam à escola sem ainda terem o contato com a Libras e os professores não foram preparados profissionalmente para receber esses alunos, a metodologia e os materiais

¹ Libras é um acrônimo, podendo assim, ser lida e escrita como uma palavra, pois é formada por mais de um dos segmentos sucessivos de uma locução.

didáticos não são adequados para o ensino/aprendizagem dessas crianças. E foi isso que me incomodou e que despertou, em mim, naquele momento de pesquisa, o interesse em entender, como se dá esse processo diante das dificuldades enfrentadas por esses alunos.

Para compreender o processo de aprendizagem de crianças surdas, propus juntamente com minha orientadora, no TCC, analisar alguns textos infantis de crianças que estavam passando pelo processo de aquisição da escrita. Para melhor compreensão desse processo procuramos entender a historicidade da Libras, compreender as peculiaridades presentes na escrita inicial da criança surda e perceber as diferenças na escrita da criança surda brasileira, que tem como L1, a Libras.

Pesquisar sobre o processo histórico dos surdos nos proporcionou a oportunidade de perceber, parcialmente, o processo de construção da Libras e, principalmente, o processo de afirmação cultural, que já existia, porém não foi considerada/respeitada durante muitos anos. Mesmo passando por grandes dificuldades, os surdos brasileiros não deixam de lutar pelos seus direitos de existir e de se considerar como qualquer outro cidadão. Foi uma vitória a criação das Leis de nº 10.436 e 10.098, de 2002 e também de um decreto, no ano de 2005, que permitiu/permite a abertura de novas conquistas para essas pessoas.

A partir dessa pesquisa sobre o processo de aquisição da escrita da criança surda, foi possível compreender as “imprecisões” na escrita dessas crianças, nessa fase, sem ter que discriminá-las e, sim, possibilitar-lhes a construção de conhecimentos. No entanto, ao passar a conviver mais intensamente com a comunidade surda, após a graduação, como interprete de professores e alunos surdos, tive a oportunidade de presenciar, na prática, algumas diferenças presentes na estrutura gramatical da Libras, em relação à estrutura gramatical da LP.

Partindo dessa observação, procurei saber mais sobre a estrutura gramatical da Libras, e pude perceber o quanto ainda é carente de pesquisas e descrições linguísticas sobre essa língua e, em particular quando se trata de um aspecto de grande importância para uma língua, a descrição dos parâmetros fonéticos e fonológicos, mais especificamente sobre os elementos prosódicos constitutivos da Libras. Dessa forma, no primeiro momento do projeto de pesquisa para o mestrado, a intenção era tão somente conseguir compreender a construção dos parâmetros fonéticos e fonológicos da Libras, porém ao adentrar em leituras bibliográficas, sobre o assunto, e com o apoio do prof. Orientador, esse olhar sobre a pesquisa pode ser mais aguçado, em perceber a necessidade de estudos mais apurados sobre os elementos prosódicos da Libras. No entanto, precisaríamos delimitar, naquele momento, quais elementos, no âmbito da prosódia, abordaríamos.

Após leituras, participação em eventos da área, apoio de alguns pesquisadores da Libras e várias buscas de materiais, percebemos que tratar do elemento prosódico, acento, seria a melhor opção, pois era algo necessário e importante que ainda não tinha sido tratado, em pesquisas sobre a Libras, e nem comentado, especificamente, pelo viés da fonética e da fonologia. Devido a isso procuramos saber se outrora já tinha sido proposto em alguma outra língua de sinais, porém o que encontramos foi apenas um trabalho realizado por Wilbur (1999), que trata da proeminência frasal da Língua Americana de Sinais (ASL), com uma breve menção ao acento lexical.

O elemento prosódico, acento, está presente em todas as Línguas Orais – LOs. Partindo desse pressuposto, nos questionamos (i) se esse mesmo elemento estaria também presente em uma língua sinalizada, como a Libras e (ii) se o acento fosse possível na Libras, como ele manifestaria/materializaria? Por fim, na possibilidade da existência desse acento lexical (iii) estaria ele em uma sílaba ou no sinal? São estas as questões que norteiam nossa pesquisa e nos instigam a aprofundar nossos estudos sobre o acento na Libras, ou seja, buscamos verificar tão somente a manifestação desse traço prosódico universal na Libras.

Nosso primeiro passo foi estudar sobre os surdos brasileiros e sua língua. Posteriormente adentramos aos estudos sobre a fonética e fonologia do Português Brasileiro (PB), em seguida seguimos a pesquisa procurando entender melhor sobre estrutura linguística da Libras, em especial, sobre a fonética e fonológica, mais especificamente sobre o elemento suprasegmental, acento.

Ao compreender a estrutura gramatical da Libras, passamos para o próximo passo, que seria evidenciar o funcionamento da fonética e fonologia nas Línguas de Sinais (LSs) e como poderiam contribuir com nossa pesquisa.

De acordo com a expectativa desejada, procuramos saber se o que foi proposto por Wilbur (1999), no que se refere ao acento lexical, poderia ser aplicado a Libras. Embora tenha tratado do acento, não foi possível constatar, nessa pesquisa, o acento na sílaba e, sim no sinal. Devido a isso, prosseguir com a pesquisa foi um pouco implexo e a opção foi tomar também como base, estudos realizados na LP.

Como apoio visual para a análise dos dados, usamos imagens de sinais em Libras, retiradas do Novo Deit-Libras: *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras*, como também os traços distintivos de significado proposto por Ferreira (2010) e utilizamos Glosas para realizar as transcrições.

A nossa pesquisa abarcou um novo olhar quando relacionamos os estudos realizados por Wilbur (1999), os campos de estudo que tratam do acento na LO e os aspectos fonéticos e

fonológicos da Libras. A partir desse encontro, surgiu a nossa proposta de estudar o acento lexical na Libras. Esse entrelaçamento nos propiciou a percepção de que o acento, assim como nas LOs, está acima dos segmentos, fazendo parte dos traços prosódicos. No entanto, para compreender sua posição no sinal foi preciso entender o princípio fonológico para posição do acento. Para isso nos propusemos a entender a estrutura silábica da Libras, por ser acima dela o lugar permitido, pela fonologia, para abrigar o acento.

Para evidenciar o acento lexical da Libras, partimos do princípio de sílaba proposto por Aguiar (2013), por ser essa, a mais próxima da nossa pesquisa, em se tratando de sílaba. Entretanto, não deixamos de desconsiderar integralmente o que foi proposto por Wilbur (1999), pois também evidenciamos sinais acentuados, devido a uma idiosincrasia na estrutura da LSs, de ter, além de sinais produzidos de forma sequencial, ter aqueles produzidos com sequências silábicas simultâneas e, ainda, os que têm, apenas, uma sílaba.

A intenção de realizar essa análise era de verificar se nossa proposta tinha solidez. A importância do nosso trabalho se caracteriza por apresentar um estudo mais apurado em fonética e fonologia da Libras, evidenciando, assim, mais uma vez, o regulamento dessa língua como língua natural do sujeito surdo. Por conseguinte, a comunidade surda recebe melhor visibilidade sobre sua língua, seu povo e sua identidade.

Para responder a essas questões, que dizem respeito ao acento na Libras, foi necessário discutirmos inicialmente nesta dissertação, alguns tópicos prioritários, sendo assim dividimos nossa pesquisa em quatro capítulos que objetivam atender ao intuito desse estudo.

No primeiro capítulo discorremos, de forma sucinta, sobre o percurso histórico das línguas de sinais e da Libras, como também, sobre a educação do surdo no mundo e no Brasil. Por conseguinte, tratamos do marco histórico dos surdos brasileiros, a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro. Esse percurso histórico nos possibilitou entender que, a partir da influência da língua de sinais francesa, a história dos surdos brasileiros e sua língua foram se estabelecendo.

No segundo capítulo, expomos nosso percurso teórico analítico. Além de estudos realizados sobre a Fonética e Fonologia da Libras, almejando apontar fatores mais relevantes que serviram como suporte para análise dos dados de nossa pesquisa, introduzimos, de forma sucinta, embasamentos de pesquisas da língua oral, em especial da língua portuguesa, bem como um estudo realizado por Wilbur (1999), que trata do acento em ASL, e um estudo desenvolvido por Aguiar (2013), sobre o constituinte prosódico, sílaba, na Libras. (sugestão)

No terceiro capítulo mostramos nossa metodologia de trabalho com os dados para o desenvolvimento da análise e no quarto capítulo justificamos nosso objetivo, o de verificar a

manifestação do acento na Libras, comprovando-a através dos dados apurados na pesquisa e de postulados sobre acento na ASL de Wilbur (1999). Não obstante, apontamos, nas considerações finais, algumas conclusões.

CAPÍTULO I

PERCURSO HISTÓRICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

Para adentrarmos em assuntos pertinentes à língua do sujeito surdo, torna-se necessário submergir ao contexto histórico da educação desse sujeito, pois, o que se tem sobre sua história, é a partir de fatos/registros que contam/narram a história da educação do surdo. Esses fatos nos remetem à história da LS, que tem sido discutida entre vários estudiosos. Mesmo sabendo que há tantos outros que tratam de temas relacionados e são também importantes, citaremos apenas alguns: Battison (1984 [1978]); Klima & Bellugi (1979); Liddell e Johnson (2000 [1989]); Castro, (1982); Brito, (1995); Wilbur (1999); Quadros e Karnopp, (2004); Xavier, (2006); Temóteo, (2008); Strobel (2009); Costa (2010); Aguiar (2013) e ulteriores.

1.1 Historicidade do sujeito surdo e sua língua no mundo

O propósito desse trabalho não é o de descrever detalhadamente os fatos históricos da existência dos surdos, mas o de apresentar apenas um panorama geral desse contexto histórico. Apontamos os fatores mais proeminentes, que serviram como suporte para compreensão do processo de construção da LS dos surdos do Brasil.

Os surdos existem desde a Antiguidade. Enquanto humano, está sempre fadado a comunicar-se. Partindo desse pressuposto é natural a existência de uma língua utilizada por esse grupo de pessoas, que infelizmente ainda não é totalmente reconhecida socialmente, enquanto unidade linguística. Como diria Sacks (2010, p. 105) “A língua emerge – biologicamente – de baixo, da necessidade irreprimível que tem o indivíduo humano de pensar e se comunicar”.

A LS, utilizada por comunidades surdas, nem sempre foi respeitada e somente a partir da década de 1960, que pesquisa sobre a LS começou a ser mais difundida dentro dos estudos linguísticos. Isso também pode ser confirmado nos estudos realizados por Quadros e Karnopp (2004). Segundo estes autores os estudos linguísticos das LSs tiveram início com o trabalho precursor de William Stokoe, que foi seguido por outros estudiosos, que também tentaram demonstrar que os “gestos” usados pelos surdos são, na verdade, uma língua sinalizada.

As comunidades surdas continuam lutando pelo direito de poder usar sua própria língua. A visão preconceituosa de algumas pessoas, pertencentes à comunidade ouvinte, que considera a surdez uma deficiência, impediu durante muito tempo a possibilidade de o sujeito surdo constituir sua língua, no mesmo momento em que por ela fosse constituído.

1.1.1 Periodização da história dos surdos

Segundo estudos realizados por Lima (2004), para tratar da história do sujeito surdo, primeiro, é necessário saber que a maior parte não é contada por seus protagonistas, e sim, por pessoas ouvintes, que de uma forma ou de outra estavam relacionadas a esse sujeito. Devido a isso, é complexo afirmar que os fatos abordados/tratados cronologicamente sobre a história dos surdos sejam precisos.

Conforme Strobel (2008), por intermédio de registros oficiais da história dos surdos, é possível dividi-la em cinco grandes períodos, porém a autora trata apenas de quatro grandes períodos: Idade Antiga/Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

Na Antiguidade, no Egito e na Pérsia, os surdos eram considerados como sendo “criaturas privilegiadas, enviadas dos deuses.” Outro registro agradável, da Idade Antiga, sobre surdos, encontra-se no velho testamento da Bíblia:

E disse-lhe o Senhor: quem fez a boca do homem? Ou quem fez o mudo, ou surdo, ou o que vê, ou cego? Não sou eu, o Senhor. (Êxodo 4:11)
 Não amaldiçoarás ao surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas terás temor do teu Deus. Eu sou o Senhor. (Levítico 19:14)
 E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente; e rogaram-lhe que pusesse a mão sobre ele. E, tirando-o à parte, de entre a multidão, pôs-lhe os dedos nos ouvidos; e, cuspiendo, tocou-lhe na língua. E, levantando os olhos ao céu, suspirou, e disse: Efatá; isto é, Abre-te. E logo se abriram os seus ouvidos, e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente (Marcos 7: 32-35).

No entanto, é possível perceber, nestas citações Bíblicas, que havia naquele momento compreensões diferentes sobre o surdo. Ao declarar que o surdo não poderia receber maldição e de que era possível voltar a ouvir através de um milagre, fica explícito de que era comum o surdo ser amaldiçoado e a surdez ser tratada como uma doença.

Outros registros, até o início da Idade Média, não foram nada agradáveis, embora mudassem a forma de expressarem suas opiniões, tanto na China como na Grécia, assim também, como os filósofos Heródoto, Sócrates e Aristóteles tinham que os surdos eram

naturalmente incapazes de raciocinarem. É interessante ressaltar que essas discriminações se tratavam de rejeições tortuosas, cruéis e desumanas. Nesse período, os surdos eram excluídos socialmente. Na China, eram lançados ao mar, sacrificados ao deus Teutates; na Grécia, eram condenados à morte; em Atenas, eram abandonados nas praças; em Esparta, eram jogados do alto dos rochedos. O filósofo Aristóteles defendia a ideia de que: “de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão” (ARISTÓTELES, 384-322 a.C apud STROBEL, 2008).

Segundo Costa (2010), na antiguidade, o sujeito surdo não era considerado um ser humano, devido o imaginário que se tinha que esse sujeito era incapaz de aprender e por não conseguir falar.

De acordo com Strobel (2008), sob um olhar religioso, os surdos foram considerados, na Idade Média, sujeitos estranhos e tidos como objeto de curiosidade pela sociedade. Eram impedidos de receberem a comunhão da igreja, devido a sua “incapacidade” de confessar seus pecados. Em se tratando de capacidade jurídica, ou melhor, incapacidade jurídica, os surdos não podiam receber herança, votar e nem se casarem entre si, exceto os que recebiam favor do papa.

Para Costa (2010), nesse período, a surdez era considerada semelhante à loucura. Embora não se tenha nada registrado sobre o ensino da língua de sinais, a autora afirma que a historicidade da língua de sinais se inicia com os sinais monásticos, devido ao contato que pessoas surdas tiveram com os monges, quando foram adotados “pelas congregações religiosas que seguiam a regra do silêncio de Saint Benoit, na qual os monges se comunicavam por meio de signos. Pela ausência da comunicação oral [...]”. (COSTA, 2010, p. 20)

Algo interessante aconteceu na Idade Média: a criação do Código Justiniano, pois foi a partir desse Código que se teve início aos estudos sobre os graus de deficiência auditiva. Contudo, não eram, ainda, considerados aptos a receberem o ensino.

De acordo com os estudos de Moura (2000 apud BOTELHO, 2009), no ano de 1453, o advogado e escritor Bartollo Della Marca d’Ancora fez a primeira menção à possibilidade de que uma pessoa surda poderia aprender por meio da LS.

A história dos surdos e sua língua tomam novos rumos, a partir da Idade Moderna. É nesse período que são encontrados os primeiros registros que apontam para uma probabilidade de educação para o sujeito surdo. No século XVI, o médico, filósofo italiano

Girolamo Cardano (1501-1576), surpreendido com o nascimento de seu filho surdo, se interessa pelos estudos da audição, olfato e o cérebro. Cardano, no século XVI, afirmou que:

É possível dar a um surdo-mudo condições de ouvir pela leitura e de falar pela escrita [...] pois assim como diferentes sons são usados convencionalmente para significar coisas diferentes, também podem ter essa função as diversas figuras de objetos e palavras. [...] Caracteres escritos e ideias podem ser conectados sem a intervenção de sons verdadeiros (CARDANO apud SACKS, 2010, p. 25).

Para Lima (2004), Cardano praticamente aboliu o estereótipo de que o surdo não poderia ser ensinado. Segundo Silva (2012), essa nova forma de olhar/tratar o surdo marcou na história da educação dessas pessoas, como um ponto de partida, para que os surdos passassem a ser considerados capazes de receber o ensino. A partir dessa concepção teve início as primeiras experiências de ensino aos surdos, filhos da nobreza.

Conforme os estudos realizados por Silva (2012), o marco inicial da história de educação para surdos aconteceu na Espanha, século XVI. Isso se deve ao grande número de documentos que registram a educação dos filhos surdos da família Velasco, na Espanha. Família essa de aristocratas e como as demais famílias dessa classe social seguiam a tradição de transmitir aos seus sucessores o título do Condado². Naquela época, teriam o direito de receber o título somente os que sabiam ler e escrever, requisito indispensável para quem precisaria assinar os documentos no momento da transmissão de título.

Segundo Strobel (2008), o monge Pedro Ponce de León (1520 -1584) foi o primeiro preceptor³ responsável em iniciar a educação com os filhos da família Velasco. Seus métodos de ensino serviram como base para diversos educadores surdos, embora ele não tenha publicado “... nada em sua vida e depois de sua morte a sua metodologia caiu no esquecimento porque a atitude na época era de conservar segredos sobre os métodos de educação de surdos” (STROBEL, 2008, p. 85).

Somente no século XVI, os estudos para surdos tiveram seus primeiros métodos de ensino registrados por Juan Pablo Bonet, que iniciou com a educação de um surdo, também, membro da família Velasco, D. Luís, usando a LS, alfabeto manual e treinamento da fala. Ele escreveu, em 1620, o livro “*Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*”, e segundo Botelho (2009), o preceptor expunha seu método de ensinar aos surdos a falarem, por meio de representações do som da fala, usando a escrita de letras ou configurações de mão.

² “senhorio (terra de extensão variável) que conferia ao seu possuidor o título de conde.” (HOUAISS, 2009).

³ “...2 que ou aquele que dá preceitos ou instruções; educador, mentor, instrutor.” (HOUAISS, 2009).

Silva (2012) assegura que essa obra é conhecida historicamente como sendo o primeiro tratado que traz algo sobre a metodologia de ensino para pessoas surdas. Nessa obra está a publicação do primeiro alfabeto manual, difundindo-se mais tarde para constituição do alfabeto datilológico⁴ de várias línguas de sinais, inclusive da Libras. Vejamos a seguir uma ilustração do alfabeto de Bonet:

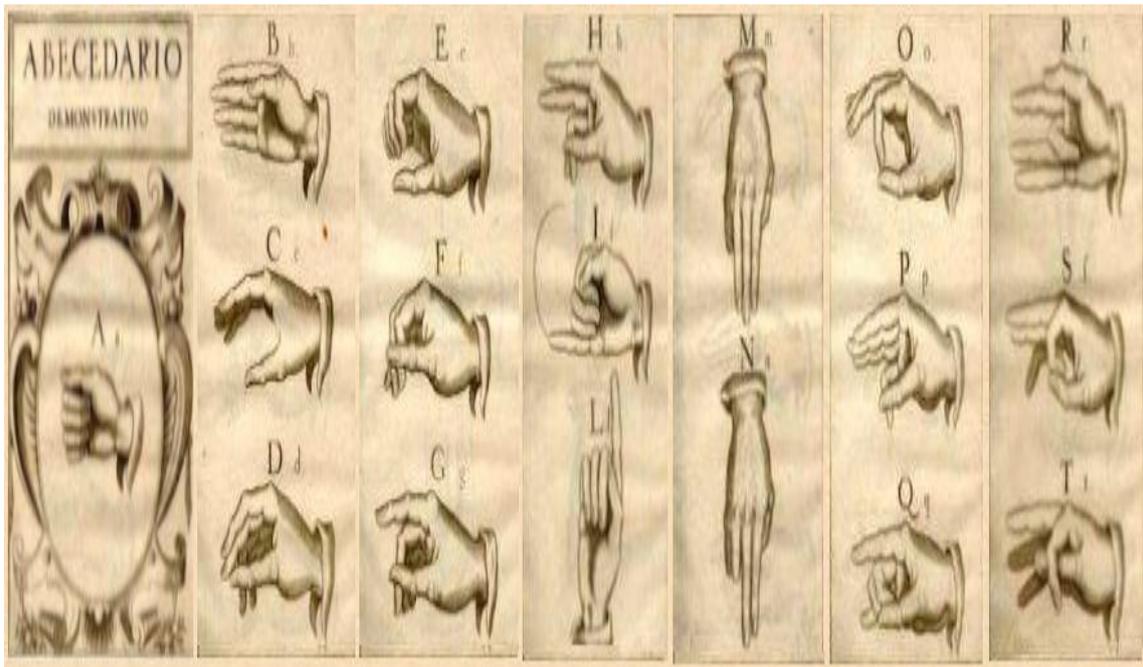


Figura 1.1: Abecedário Demonstrativo de Juan Pablo Bonet
 Fonte: http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historia.php

Outros registros próximos a essa data, de acordo com Lima (2004), são os de 1644 e 1648, no qual J. Bulwer, no ano de 1644, publicou o primeiro livro, intitulado “*Chirologia*”, escrito na língua inglesa, que trata da língua de sinais. Nessa obra o autor defendia que a língua de sinais era universal e com subsídios constitutivos de iconicidade. Em 1648, também publicou outra obra intitulada “*Philocorpus*”, em que trata dos conceitos da língua de sinais. Afirma que os conceitos da língua oral poderiam ser também expressos pela língua de sinais.

Partindo do pressuposto de que o surdo precisaria falar para então ser civilizado, surgiram outros defensores desse pensamento, tais como: John Wallis (1616-1703),

⁴ Quando não existe um sinal para determinado conceito, a datilologia é utilizada para soletrar palavras da língua oral. Nesse caso, diz-se que essas soletrações são empréstimos da língua portuguesa. O alfabeto manual é a mera transposição para o espaço, por meio das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. (ROSA, 2005, p.40)

intelectual inglês considerado na Inglaterra como o fundador do oralismo⁵; Johann Conrad Amman (1669-1724), médico suíço, seguidor de Bonet e Wallis, desenvolveu um método educativo da fala e da leitura labial. Seus estudos foram publicados; Jacob Rodrigues Pereire (1715-1780), precursor no ensino para surdos na França e defensor do oralismo, porém em suas aulas usava a língua de sinais; Thomas Braidwood (1715-1806), fundador da primeira escola na Europa para surdos e crianças incapazes, valorizava a leitura orofacial; dentre outros.

Surgiram também nesse período, estudiosos com visões diferentes, como o abade Charles Michel L'Épée (1712-1789), primeiro a estudar a língua de sinais, publicou o primeiro dicionário dessa língua e fundou a primeira escola para surdos, na França; abade Roch Sicard (1742-1822), que escreveu sobre a teoria da língua de sinais, porém achava o dicionário de L'Épée muito complicado; Tommaso Silvestri (1744-1789) fundou a primeira escola para surdos, em Roma e suas obras foram destinadas ao ensino da fala e leitura labial, com uma diferença, tendo como principal forma de comunicação entre os alunos surdos, os sinais.

Dentre os preceptores que se destacaram no século XVIII, o abade Charles Michel L'Épée (1712-1789) ganhou notoriedade, que segundo Strobel (2008), isso ocorreu após ter conseguido sucesso com seu novo método de ensino, nomeado como “Sinais metódicos”. Método criado a partir da combinação de língua de sinais usada pelos surdos franceses e a gramática da língua francesa.

O interesse de L'Épée em se aprofundar nos estudos da LS se deu devido a sua experiência em ter conhecido duas irmãs gêmeas, que se comunicavam na LS. A partir de então o abade aprofundou seus estudos e começou a ensinar seu método para um grupo de surdos, em sua casa. Transformou sua residência em uma escola gratuita, aberta tanto aos surdos pobres como para surdos ricos, ato repudiado pela burguesia, daquele período. Esse trabalho resultou em um marco na história da educação dos surdos, pois de acordo com Silva (2012) esse período é considerado o “período institucional”. Devido ao método inovador de L'Épée, em usar uma pedagogia coletiva e não individual para ensinar os surdos. Contudo, o trabalho realizado pelos preceptores não foram interrompidos subitamente, esse serviço perdurou, ainda, por longo tempo, nas residências de famílias que lhes solicitavam.

⁵ Método de ensino para surdos que visa à integração da criança surda na comunidade ouvinte, enfatizando a língua do país. (GOLDFELD, 1997 apud <http://www.slideshare.net/miassis/oralismo-bilinguismo-e-comunicao>)

Segundo Sacks (2010), a escola “inovadora” de L’Epée foi fundada em 1755 e foi a primeira a receber auxílio financeiro do governo, daquele período. O abade capacitou diversos professores, que posteriormente, após a sua morte, já tinham espalhado, ao todo, 21 escolas para surdos, na França e na Europa. Sua primeira escola, em 1791, se transformou no *National Institution for Deaf-Mutes*. O autor, ainda, ressalta que L’Epée possivelmente tenha sido o primeiro ouvinte a aprender uma LS. Para aprender o abade cultivou amizade com os surdos desprovidos da sociedade francesa, que usavam a LS nativa, nas ruas de Paris.

Para Silva (2012), a primeira obra do abade L’Epée, intitulada *Institution des sourds et muets par la voie des signes méthodiques, ouvrage qui contient le projet d'une langue universelle par l'entremise des signes naturels assujettis à une méthode* (cf. *infra* a imagem da capa apud SILVA 2012, p. 35) e publicada em 1776, se tornou um ato fundador para educação dos surdos, pois se trata da primeira obra que usa os sinais para ensinar os surdos e não mais o alfabeto datilológico de Bonet.

O método de ensino para surdos realizado pelo abade L’Epée foi tão promissor que conforme Sacks (2010), a partir desse sucesso, de comprovar a capacidade do sujeito surdo a leitura e escrita, se tornou possível, em 1779, a publicação da primeira obra escrita por uma pessoa surda. Uma obra escrita pela perspectiva do surdo Pierre Desloges.

Os estudos realizados sobre a educação de surdos, antes de 1750 eram baseados em interesses aristocráticos. Isso se estendia também para todos, ou seja, tudo o que se sabia sobre como ensinar uma criança era aplicado somente aos filhos da burguesia, não se estendia para os menos favorecidos. A partir dessa data, iniciaram-se projetos de desenvolvimento de escolas especiais para crianças “inválidas”. Neste mesmo período, foi criada a primeira escola particular para alunos surdos, na Inglaterra. No ano de 1792, em Londres, foi criada uma instituição pública, que separava as crianças surdas das inválidas. Os ensinamentos, em todos os países que já tinham uma instituição escolar para surdos, tinham controversas em seus ensinamentos, pois alguns defendiam a LS, enquanto outros defendiam piamente o ensino com base no oralismo.

De acordo com Strobel (2008), o início da Idade Contemporânea foi marcado com os estudos realizados pelo médico cirurgião e psiquiatra francês Jean-Marc Itard, que se tornou médico residente do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, em 1814. Foi colega de estudo do tão famoso Philippe Pinel, precursor da Psiquiatria. Itard era seguidor fiel dos

pensamentos filosóficos de Condillac⁶. O que até então era conhecido como diferente passou a ser considerado como doença, em outras palavras, os surdos, até Idade Moderna, eram considerados pessoas diferentes, mesmo que pejorativamente, porém com estudos de Itard eram vistos, agora, como pessoas doentes, primitivas de emoção e inteligência que poderiam recuperar sua audição e através dessa “cura” conseguir adquirir a fala/razão. Partindo desse pressuposto, eram válidas todas as tentativas em busca da cura, incluindo as mais tristes torturas (aplicar descargas elétricas, usar sanguessugas, furar as membranas timpânicas) aplicadas dentro dos ouvidos de seus alunos surdos, chegou até fraturar crânios de alguns deles, outros tiveram infecções devido às suas intervenções.

Em busca de comprovar seus estudos, Itard iniciou uma tentativa de educar um menino de 12 anos, que foi encontrado vivendo com lobos em uma floresta na França. Seus estudos frustrados perpetuaram durante 16 anos, até chegar à conclusão de que o surdo só poderia ser educado a partir da LS. Embora tenha chegado a essa conclusão, seus sucessores lutaram incessantemente para que o oralismo fosse o método de ensino predominante na educação dos surdos. Muitos foram os países que aderiram a esse método.

Conforme os estudos de Lima (2004, p. 17), o que estava acontecendo no final do século XVIII seria apenas o início de uma polêmica/disputa de métodos de ensino para pessoas surdas. Enquanto na França, o método manual se difundia/expandia, o método oralista ganhava força na Alemanha e na Inglaterra.

Em 1880, em um Congresso Internacional realizado em Milão, no qual só um surdo participou, os defensores do método oralista conseguiram tirar todo espaço social que as pessoas surdas tinham adquirido até aquele dado momento. Foi oficialmente proibido o uso da LS na educação para surdos, predominando assim o “império oralista”. Professores surdos foram demitidos, dando lugar aos professores ouvintes e os sinais foram banidos da educação dos surdos e da comunicação social. Esse “império” predominou por quase um século, embora por várias vezes seus seguidores fracassassem.

A LS só voltou a ser valorizada a partir do Congresso Mundial de Surdos, ocorrido em Paris, no ano de 1971. A partir de então surgiram vários movimentos de pessoas surdas, que lutaram e continuam lutando pelo direito de se socializarem. *Deaf Power*⁷ é um desses movimentos, porém com um diferencial, ele foi organizado por alunos surdos norte americanos e ficou mundialmente conhecido, por terem focado dois aspectos

⁶ Filósofo Étienne Bonnot de Condillac defendia a idéia de que “as sensações eram base para o conhecimento humano e que reconhecia somente a experiência externa como fonte do conhecimento” (MAIA E VELOSO, 2009).

⁷ Deaf= surdo; Power=poder (MENOSSI, 2011 apud <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2835735>)

importantíssimos na luta pelos seus direitos, um deles é o direito a uma língua própria e o outro, é o de serem tratados como diferentes e não como deficientes.

A educação para surdos através da LS, na atualidade, em todo o mundo é um processo de conquistas, pois existem, ainda, aqueles que defendem o método de ensino oralista. De uma forma ou de outra isso dificulta uma conquista mundial dos direitos aos surdos de não mais serem tratados como deficientes e de poderem usar sua própria língua.

Segundo Silva (2009), o método de ensino oralista não trouxe nenhum benefício na educação de surdos com grau profundo, pelo contrário, fez com que muitos deles se sentissem incapazes e doentes, pois não conseguiam fazer a leitura labial e quando tentavam emitiam sons incompreensíveis.

1.2 Surdos do Brasil

No Brasil, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), foi fundado em decorrência da necessidade de educar pessoas surdas, ou seja, os surdos já existiam mesmo antes dos portugueses chegarem. Todavia, assim como em todo o mundo, eram consideradas pessoas sem razão, sem capacidade de receber educação e se socializarem, e viviam em situações precárias e desumanas. Assim como os demais países, no Brasil, o acesso à educação era proporcionado/permitido somente aos filhos da nobreza e ao clero, devido aos interesses aristocráticos.

De acordo com Rocha (2008), nas primeiras décadas do século XIX houve algumas mudanças significativas na educação escolar do país, a criação das escolas de primeiras letras, repercutindo assim, os primeiros momentos de organização do Estado Imperial. No entanto, essa mudança que aparentemente tinha a intenção de proporcionar educação a todos, havia na verdade, um interesse em garantir os futuros súditos do Novo Império.

Conforme Rocha (2008,), no período em que o ensino das primeiras letras estava funcionando no Brasil e o interesse pela educação dos surdos estava se expandido em todo mundo, oriundo da França, chegou ao Brasil, provavelmente, em 1855, o francês surdo Eduard Huet⁸, interessado em ensinar a LS aos surdos do Brasil. A partir de então, iniciou-se um processo fundamental na história dos surdos brasileiros, trata-se do início do processo de institucionalização da língua de sinais no Brasil.

⁸ Professor surdo que era sucessor do método de ensino do Abade L'Épée (ROCHA, 2010).

1.2.1 Marco na história dos surdos brasileiros

Segundo Silva (2012), a edificação do instituto, INES, produz um acontecimento, a marca do real da história, o ato desencadeador do processo de produção de sentidos, pois é a partir dessa institucionalização e de suas políticas que se vai construindo um modo de compreender o sujeito surdo e do conhecimento que aí se vai constituindo. Esse acontecimento passa a ser a materialização/consolidação desse espaço na educação de pessoas surdas no Brasil, na produção de saber sobre a Libras.

A materialização de Instituto, próprio para a educação de surdos, no Brasil, iniciou-se com a iniciativa de Huet, que principiou seu trabalho no Colégio de Vassimon, porém querendo expandir melhor seus objetivos, Huet enviou um documento ao Império brasileiro solicitando um espaço mais conveniente para ampliar seu trabalho.

Seria desejável que se encontrasse um campo adjacente ao estabelecimento, e bastante vasto, para poder encerrar todas as espécies de culturas. Eu não me associei com M. Vassimon por falta de meios, e porque eu não tinha o local apropriado para as minhas visões. Espero a sanção de nossa obra pelo estado, propondo-me a pedir ao Governo a concessão de um terreno suficiente, de fácil cultura com respeito à idade e a fraqueza das crianças, no qual será erigido um estabelecimento monumental para glória nacional, com o reino glorioso de Vossa Majestade⁹ (HUET, 1985 apud ROCHA, 2008, p. 28).

Posterior ao envio desse documento, Huet enviou, em abril de 1856, outro documento, porém o enviou a Comissão Diretora responsável pelo trabalho desenvolvido no Instituto. Nesse documento o francês agradece o apoio recebido pelo imperador e aproveita para relatar a situação precária que o Instituto estava submetido. Aproveitou o ensejo para pedir mais apoio.

A casa atual não está em condições higiênicas favoráveis a saúde dos alunos...as camas apertadas uma contra a outra o mais perto possível; eu mesmo me vejo obrigado a dormir fora por falta de espaço, e como os meus exercícios acontecem num salão, o uso do giz e dos quadros cobre os móveis de uma poeira que os deteriora (HUET, 1985 apud ROCHA, 2008, p. 30).

De acordo com os estudos realizados pela Federação Nacional de Educação e Integração dos surdos – FENEIS (S/D), nessa época, Dom Pedro II encarregou, a pedido de

⁹ Documento traduzido por Gustavo de Sá Duarte Barbosa (HUET, 1985 apud ROCHA, 2008, p. 28).

Huet, o Marquês d’Abrantes a organizar uma equipe para promover a fundação da primeira Instituição para educação de Surdos-Mudos¹⁰ no Brasil. Rocha (2008) nos aponta que tal comissão, seguindo orientações de D. Pedro II, reuniu-se no dia 03 de junho de 1856, para decidirem que se deve:

- 1º – promover a definitiva instalação do Instituto dos Surdos-Mudos;
- 2º – Procurar um prédio para a sede do estabelecimento;
- 3º – Não remover os alunos que já estavam no Colégio D. Vassimon, antes que a esposa de Huet viesse tomar conta das meninas (ROCHA, 2008, p. 31).

Conforme Honora e Frizanco (2011), a fundação dessa Instituição consolidou-se em 26 de setembro de 1857, no estado do Rio de Janeiro, surgindo assim: Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES¹¹, o primeiro instituto educacional brasileiro para surdos, um marco na história da comunidade surda. De acordo com Rocha (2008), o apoio financeiro tanto desejado por Huet foi atendido através da provação da Lei de nº 939 de 26 de setembro de 1857, a qual proporcionava ao Instituto e aos alunos financiados pelo governo, que ali residiam, uma verba que serviu de grande auxílio para que essa instituição permanecesse em funcionamento.

De acordo com Leite (S/D), ao passo que o Instituto progredia, passava a receber, em regime de internato, alunos surdos oriundos, em sua maioria, de diversas partes do país. Dessa forma fortalecendo a constituição de uma LS brasileira. Inicialmente, as disciplinas ofertadas pelo currículo da Instituição eram: Língua Portuguesa, História e Geografia do Brasil, Aritmética, Linguagem Articulada (para os que tivessem capacidade), Doutrina Cristã e Escrituração Mercantil.

Segundo Rocha (2008), em dezembro de 1861, provavelmente por motivos pessoais, Huet não consegue permanecer à frente do Instituto. Em decorrência desse fato, o professor francês propõe ao Imperador sua saída, porém “mediante uma indenização pelo patrimônio material do Instituto e, também, o recebimento de uma pensão anual” (ROCHA, 2008, p. 34). Essa pensão seria pelo reconhecimento de ter sido o criador/fundador da primeira Instituição de educação para surdos no Brasil. Após sua saída o Instituto ficou sob a responsabilidade do frei João do Monte do Carmo, por curto período de tempo. Nesse mesmo ano, a direção do Instituto foi sucedida por Ernesto do Padro Seixas.

¹⁰ Surdo-mudo foi o primeiro termo a ser utilizado/usado pelo Instituto Nacional de Educação dos Surdos -INES, nesse período, 1857.

¹¹ Conforme a LS foi se difundindo, no Brasil, o sentido do termo “mudo” (impossibilidade de produzir som) foi sendo analisado e desconsiderado pela comunidade surda brasileira. Não aceitavam mais o uso desse termo, pois todos os surdos produziam/produziam som, embora não oralizem, na grande maioria.

No ano seguinte, em julho de 1862, o cargo de Huet foi substituído por Manuel de Magalhães Couto, um homem que não tinha a mesma aptidão que Huet, não era surdo e nem especialista em surdez. Em consequência da incapacidade técnica e linguística de gerenciar o Instituto, deu-se após uma vistoria governamental, no ano de 1868, que este funcionava não para promover a capacidade intelectual daqueles que o frequentavam, mas apenas como um abrigo para pessoas surdas. Consequentemente, o diretor Couto foi exonerado de seu cargo, assumindo, assim, a direção do Instituto, o médico, de Sergipe, Tobias Rabello Leite.

Com a intenção de reerguer a qualidade do ensino no Instituto, Leite implementou várias ações. A que mais se destacou foi a de oferecer ensino profissionalizante aos surdos. Acreditava que isso os tornariam capazes de se socializarem e garantirem suas subsistências. Outra ação realizada por Leite, que também se destacou foi traduzir várias obras francesas para Língua portuguesa.

Para Rocha (2008), um fato importante que deve ser ressaltado é uma publicação de extrema relevância para comunidade surda, a obra intitulada “Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos”, publicada em 1875, que foi pensada e materializada pelo ex-aluno surdo do Instituto Flausino José da Costa Gama e que também trabalhou na mesma Instituição na função de repetidor, no período de 1871 a 1879. Assim, percebemos como o uso da LS já estava bem presente na educação dos surdos e como essa educação já havia conquistado um grande espaço na sociedade. Vejamos:

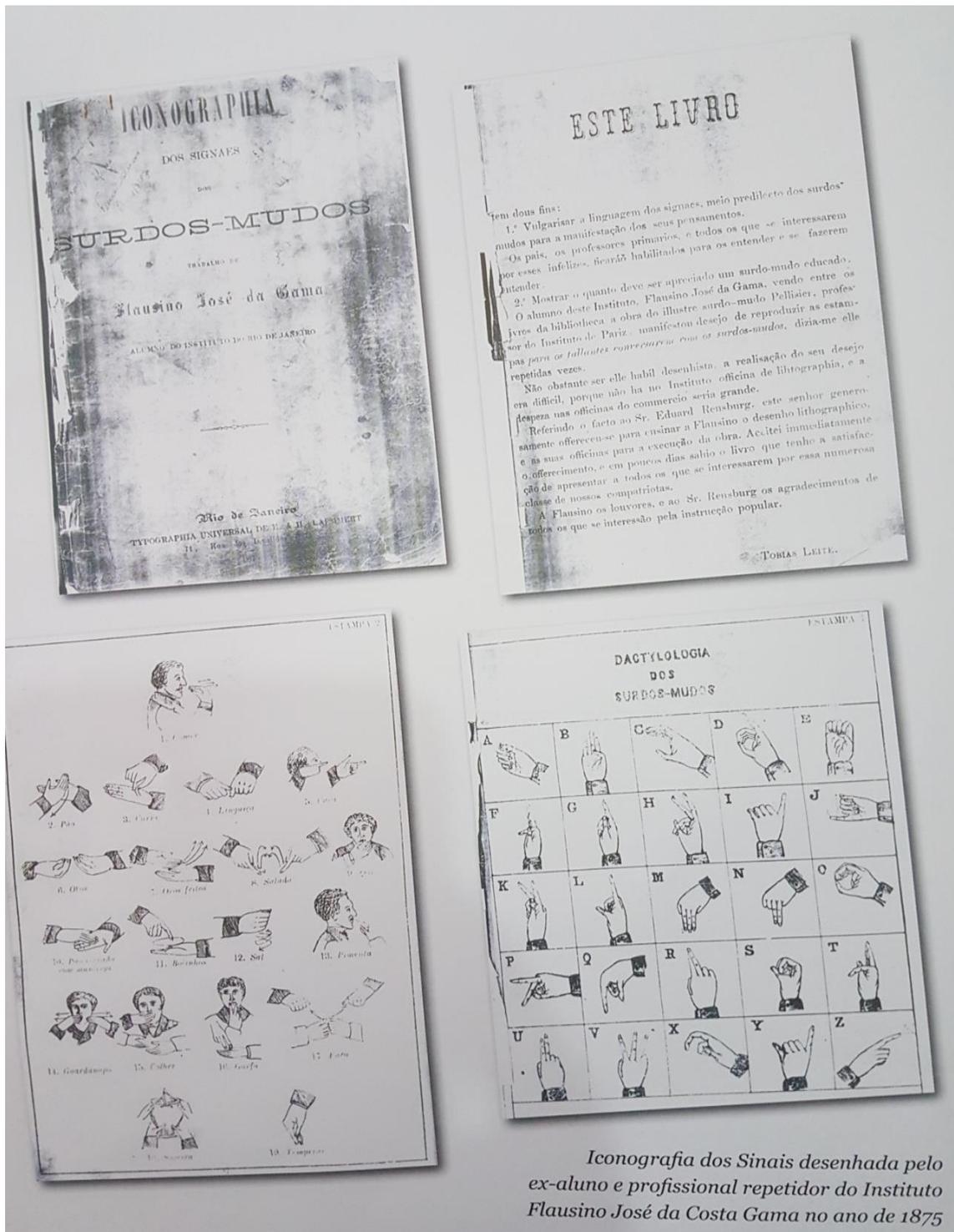


Figura 1.2: Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos de Flausino José da Costa Gama
 Fonte: Rocha (2008, p. 42)

Durante o período que Leite esteve na diretoria do Instituto, a educação dos surdos, bem como a educação dos surdos em todo o mundo, passava por grandes influências do método oralista, atrasando assim, a constituição da Libras e até mesmo a LS de vários outros países. Por não apoiar o método, o diretor do Instituto procurou, juntamente com o professor

do Instituto, Menezes Vieira, tratar essa abordagem de forma desfavorável, dando continuidade ao uso dos sinais em sala de aula.

A influência do Método oralista fez com que o governo, de vários países, tornasse obrigatória a aprendizagem da fala e da leitura labial. Assim, no ano de 1889 foi determinado que a leitura labial e a linguagem fossem ensinadas apenas para alunos surdos que apresentassem certo grau auditivo, para não prejudicar suas escritas. Essa deliberação se deu a partir de decisões tomadas no Congresso de Milão, em 1880, na Itália, no qual “Alguns sujeitos surdos, representantes do povo surdo, queriam participar do congresso, mas foram excluídos na votação e tiveram seus discursos negados” (STROBEL, 2008, p. 90). Conquanto, os esforços do médico Leite e outros defensores da LS, essa influência delongou, aqui no Brasil, porém esse empenho foi perdendo a força, com a criação do Decreto nº. 9.198 em seu artigo 09, no ano de 1911, que definitivamente tornou obrigatório adotar o oralismo em sala de aula.

Segundo Rocha (2008), Leite faleceu em agosto de 1896 e depois de sua morte a direção do Instituto foi ocupada por alguns defensores da tendência oralista, que fortaleceram esse método por quase um século, dentre eles temos: Joaquim Borges Carneiro (08/1896-02/1897); João Paulo Carvalho (1897-1903); Armando Paiva Lacerda (1930-1947); Antônio Carlos Mello Barreto (1947-1951); Ana Rímola de Faria Doria (1951-1961); Rodolpho da Cruz Rolão (1961-1962 e 1963); Pedro Eziel Cylleno (1962-1963); Euclides Alberto Braga da Silva (1963-1964); Murilo Rodrigues Campelo (1964-1969); Hilda Maria Alcântara de Araújo (1969); Marino Gomes Ferreira (1969-1977); Heleton Saraiva O’Relly (1977-1980); Fernando Bossi de Santa Rosa (1980-1983) e Francisco José da Costa Almeida (1983-1985), ressaltando que todos eram ouvintes.

Como a educação dos surdos passava por conflitos, em relação ao método “adequado” de ensino, houve aqueles que defendiam o uso da LS, mesmo sendo ouvintes, procuravam apoiar o uso de sinais na educação dos surdos, durante o período tenebroso do oralismo, dentre eles temos: o Abolicionista e advogado João Brasil Silvado (1903-1907); Custódio Ferreira Martins (1907-1930) e Lenita de Oliveira Vianna (1985-1990).

Conforme Lima (2004), a LS não foi totalmente proibida nas salas de aula do Instituto, em todo esse período, seu uso perdurou em sala de aula até 1957, com mudanças realizadas pela diretora Ana Rímola de Faria Doria, assessorada por Alpina Couto, proibindo definitivamente o uso dos sinais em sala de aula. Apesar disso, os surdos continuaram a usar os sinais fora das salas de aula e, principalmente, nas comunidades surdas, que já estavam tomando forma dentro dos principais centros urbanos de todo o Brasil.

Um fato interessante que marcou uma das comemorações de aniversário do Instituto foi o que aconteceu na comemoração de 1933, em pleno império oralista, no qual, em um concurso de melhor desenho entre os alunos, a premiação foi concedida ao aluno Geraldo Soares de Almeida, que desenhou o alfabeto digital, inspiração de seus desenhos das posições usadas pelas mãos para sinalizar as letras do alfabeto da Língua portuguesa, constatando, assim, que o processo de constituição da LS, embora tenha sido, por um tempo, delongada, não foi abolida por seus verdadeiros usuários, mesmo que tenham passado por repressões. Vejamos a arte de Almeida (1946):

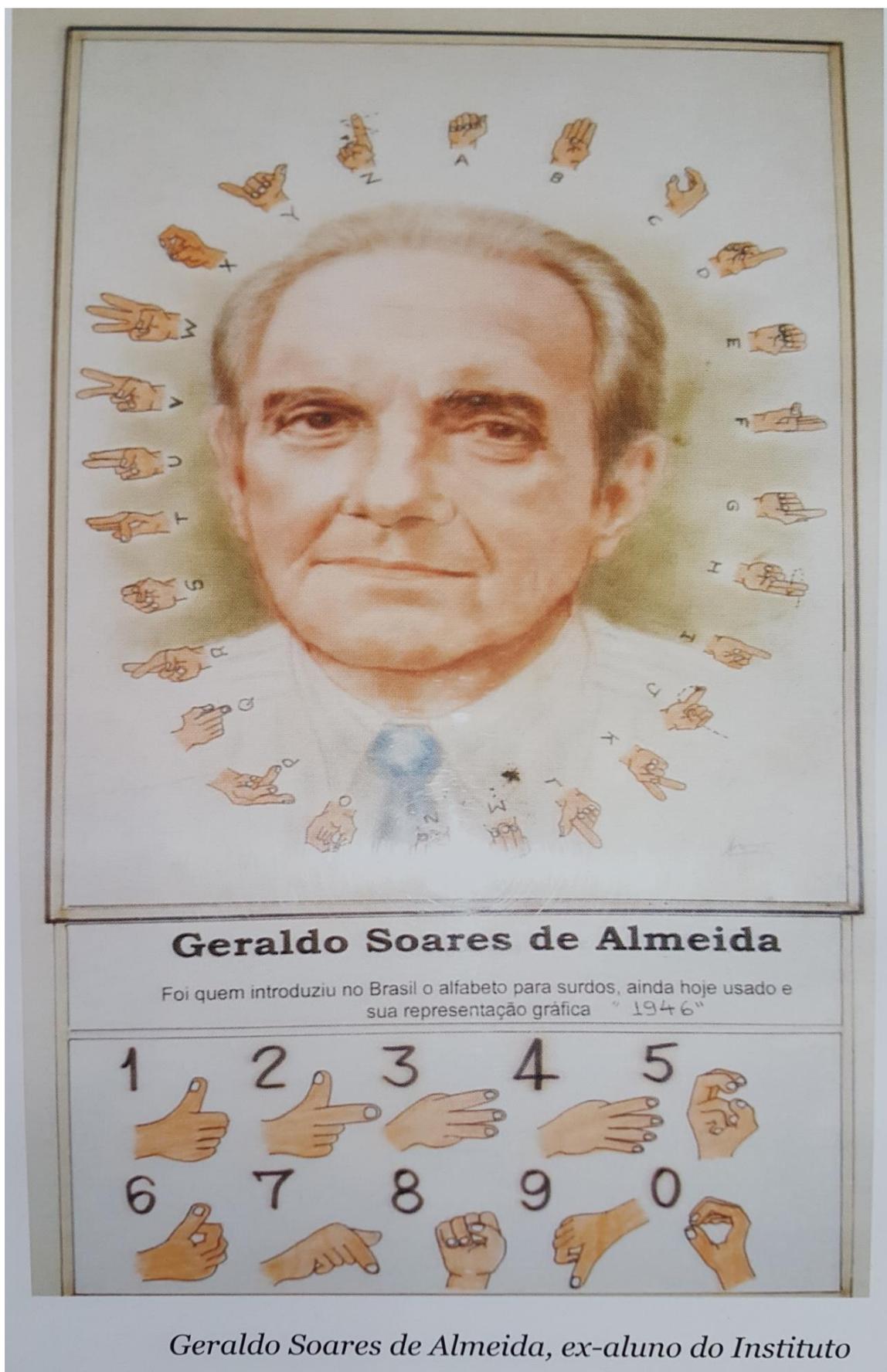


Figura 1.3: Alfabeto para surdos de Geraldo Soares de Almeida, ex-aluno do INES.
Fonte: Rocha (2008, p. 71)

Segundo Strobel (2008), com a predominância do oralismo, desde 1880, a educação dos surdos passou por várias fases de fracasso, e graças à insistência dos defensores da LS, conseguiram no Congresso Mundial de surdos, ocorrido em Paris no ano de 1971, que a LS fosse novamente valorizada.

Estudos realizados pela FENEIS (S/D) revelam que, a partir dos resultados positivos desse Congresso, iniciaram-se as discussões a respeito do bilinguismo. No Brasil, os registros constam que essa discussão teve início na década de 1980, com os estudos realizados pelas pesquisadoras Lucinda Ferreira Brito e Eulália Fernandes, sobre a educação dos surdos no Brasil.

As pesquisas dessas professoras seguiram o padrão internacional de abreviação das LSs. A primeira nomeação dada a Libras foi “Língua de Sinais Brasileira dos Centros Urbanos – LSCB” e posteriormente, a partir de votação, em uma reunião realizada na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS, no mês de outubro de 1993, para decidirem entre os nomes LSCB ou Libras, foi acordado que para a nomeação da Língua usada pela comunidade surda, seria a segunda opção. A partir de então, Lucinda Ferreira Brito passou a empregar a abreviação Libras, criada pela própria comunidade surda.

Goldfeld (1997 apud MOURA, 2000) afirma que a Libras, teve, em consequência da chegada de Huet, influência da Língua de sinais francesa, que posteriormente foi combinando com os sinais já utilizados pelos surdos brasileiros. Provavelmente, a partir dessa combinação e com a criação de outros novos sinais, a Libras foi se estabelecendo.

Embora a educação dos surdos e a LS estivesse aparentemente progredindo, aqui no Brasil, a luta pelo direito à educação especializada e à liberdade de usar sua própria língua, só começou a ter grandes mudanças depois que comunidades brasileiras de pessoas surdas lutaram incessantemente por esse direito. Conseguiram, no ano de 2002, a promulgação da lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e também, no mesmo ano, a lei 10.098/2002 (BRASIL, 2002), pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Leis estas, que dão o direito aos surdos, a condição de serem cidadãos brasileiros. Não obstante os direitos concedidos, continuaram a lutar pela sanção dessas leis.

Em 2005, quando Luiz Inácio Lula da Silva era Presidente da República, a lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) foi regulamentada pelo decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005). A partir deste decreto, tornou-se obrigatória a inclusão da disciplina (Libras) nos cursos de formação de professores, tanto para o magistério como para o ensino superior (Letras, Pedagogia, Educação Especial), como também na área da saúde (Fonoaudiologia).

Em 2010, é oficializada/regulamentada a lei Federal 12.319/2010 que fortalece o reconhecimento da Libras como segunda língua oficial¹² do país, o reconhecimento do profissional intérprete, em sala de aula, repartições públicas e demais ambientes que for necessário, como também a promulgação da lei 13.146/2015, que segundo Moraes (2017), na elaboração desse Estatuto, parece ter ocorrido uma negociação entre cultura ouvinte e cultura surda. Pois, em alguns momentos a lei apresenta a surdez como deficiência e outros produz o sentido de respeito às reivindicações da comunidade surda e sua cultura. As nuances desse processo, ainda, têm sido árduas para as instituições de ensino, pois, são poucos os profissionais interessados em aprender com afinco essa “nova” segunda língua oficial do país.

Conhecer o percurso histórico da constituição da Libras é compreender todo um processo formador da afirmação cultural, conquistada por um povo que batalhou/batalha incessantemente pelo direito de ser considerado cidadão brasileiro, com os mesmos direitos que todo cidadão tem.

¹² Por ser a segunda língua reconhecida oficialmente, em todo território brasileiro, a Libras não pode ser considerada como uma língua co-oficial (língua oficial de um território específica de um país), mas como a segunda língua oficial do país, Brasil.

CAPÍTULO II

PERCURSO TEÓRICO ANÁLITICO

Para adentrar aos estudos sobre o **acento em Libras**, introduziremos, de forma sucinta, embasamentos de pesquisas de LOs, em especial da LP, como também um estudo realizado por Wilbur (1999), sobre o acento em ASL além de estudos realizados sobre a Fonética e Fonologia da Libras. A finalidade desse capítulo é revisitar outros estudos já comprovados, para então realizar a nossa análise da pesquisa. Não nos aprofundaremos nesses assuntos, apenas, apresentaremos um panorama geral dessas pesquisas. Aspiramos apontar fatores mais relevantes que servirão como suporte para análise dos dados.

Pesquisas de LO, aqui apresentadas, servirão como base de comparação. Isso se deve aos poucos estudos realizados nas LSs, em se tratando de prosódia e seus constituintes fonéticos e fonológicos, mais especificamente, o acento.

2.1 Fonologia Prosódica da língua oralizada - LO.

Por força de uma tradição escrita das línguas ocidentais, é possível compreender o que Saussure comenta sobre os primeiros linguistas ao dizer que não sabiam nada da fisiologia dos sons articulados pelo aparelho fonador, pois sempre relacionavam os sons da língua aos signos gráficos (escrita). Posterior a essa ideia, de que a escrita representa a fala, os linguistas criaram uma ciência que separava a forma escrita daquelas dos sons da fala. Todavia, persistiam em confundir dois estudos absolutamente distintos, fonética e fonologia, em um único termo, fisiologia dos sons, também foi conhecida como fonética. Para Saussure a união desses dois estudos, em um único termo, não era pertinente, pois compreendia que:

A fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo (SAUSSURE, 1857-1913, p. 43).

Saussure é o precursor nos estudos que apresentaram as primeiras diferenças existentes entre fonética e fonologia, ou seja, essas duas áreas distintas da ciência que não tratam/abordam do mesmo objeto.

Segundo Roberto (2016), a fonética trata da fala, das diversas formas de realizações dos fonemas, ao passo que a fonologia se atenta em estudar o comportamento desses fonemas,

e sua organização interna, sendo o objeto de estudo da fonética, o fone, todo e qualquer som produzido pelo aparelho fonador humano, enquanto a fonologia tem como objeto de estudo o fonema, representação abstrata, mais profunda, a forma de base que diz respeito a função do segmento dentro do sistema.

De acordo com Silva (2015), a fonologia é uma área da linguística que estuda o componente sonoro das línguas naturais, pelo viés organizacional. É responsável em determinar a distribuição dos sons e os possíveis contrastes entre eles, como também caracteriza “a boa-formação das sílabas e dos aspectos suprasegmentais como, por exemplo, o tom e o acento” (SILVA, 2015, p. 110).

Para compreendermos mais profundamente os fenômenos fonológicos que ocorrem no nível suprasegmental é necessário conhecer outra área da fonologia, a Fonologia Prosódica, que segundo Silva (2015), trata dos fenômenos que se realizam acima dos segmentos, como a altura, o prolongamento, a duração e a intensidade e que também significam.

Para Quintino (2012), a prosódia estuda as características da fala e dentre eles o ritmo e entonação. Sua função é descrever “todas as propriedades acústicas da fala que não podem ser preditas pela transcrição” (QUINTINO, 2012, p. 161).

Estudos que procuram investigar o conjunto de fenômenos que se convencionou como sendo prosódia não são recentes. Esses estudos, conforme Scarpa (1999), iniciou-se com os gregos, que usavam a palavra *προσῳδία* para indicar os traços da fala, que não tinham uma representação ortográfica. Posterior ao uso desse termo, os acentos tonais receberam como forma de representação, na escrita, símbolos ortográficos, que então foram chamados/reconhecidos como sendo prosódicos.

Scarpa (1999) vai dizer que pesquisas sobre a prosódia de uma língua restauram, nos estudos linguísticos, uma variada sucessão de elementos que abrangem não só o parâmetro acento, mas também os de pausa, intensidade, altura, velocidade de fala, duração, sistemas de entonação, tom e ritmo de línguas naturais.

Para Mistieri (2013), a base/embasamento dos estudos da fonologia prosódica teve início com as pesquisas realizadas por Liberman (1975); Prince (1975); Liberman e Prince (1977) e Selkirk (1980), que tratam dos conceitos iniciais da prosódia, porém o trabalho pioneiro de sistematizar as unidades prosódicas em níveis de constituição, em uma estrutura organizada de forma hierárquica, foi proposto no livro *Prosodic Phonology*, das autoras Nespore e Vogel (1986). Estes níveis foram organizados da seguinte forma (de forma decrescente):

Constituintes Prosódicos	Símbolo
Enunciado fonológico	U
Grupo entoacional	I
Grupo fonológico	Φ
Grupo clítico	C
Palavra fonológica	Ω
Pé	Σ
Sílaba	σ

De acordo com Nespor e Vogel (1986), a estrutura prosódica de um enunciado depende tão somente desses constituintes¹³, que são universais, e não de sua estrutura sintática, embora cada língua tenha suas próprias regras de construção de constituintes.

A figura ilustrativa a seguir, exemplifica como um enunciado pode ser analisado pela fonologia prosódica:

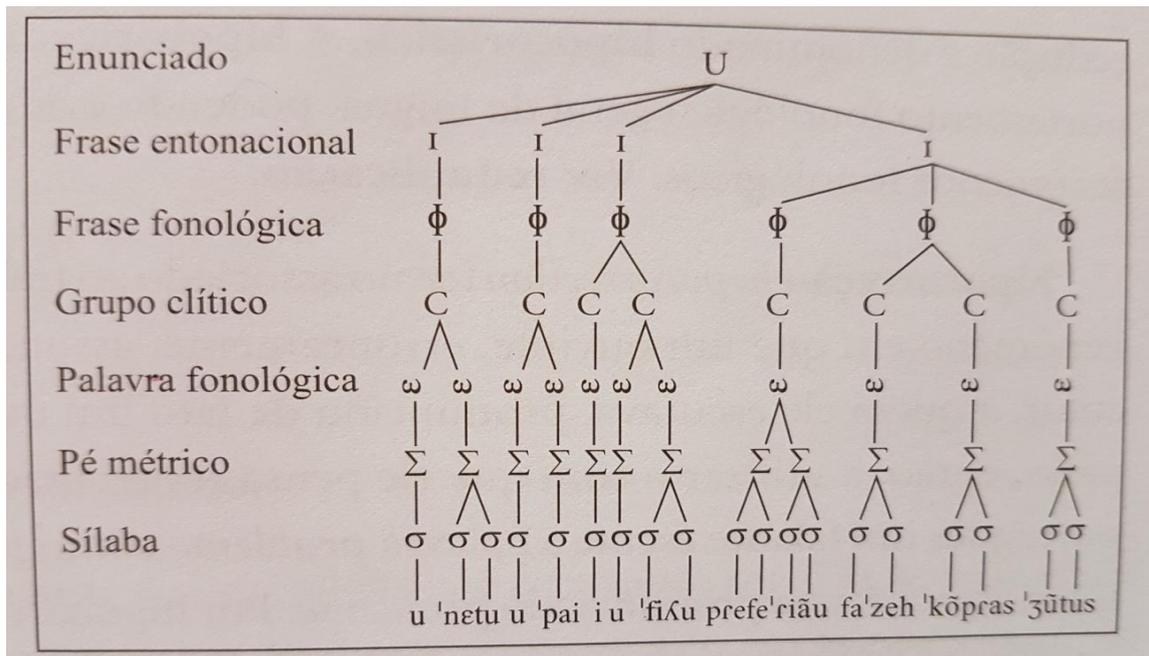


Figura 2.1: Representação da organização hierárquica da fonologia prosódica
Fonte: Silva (2015, p.133)

¹³ **Enunciado** (constituente prosódico mais alto na hierarquia prosódica, normalmente consiste ao enunciado sintático); **frase entonacional** (“são grupos de uma ou mais frases fonológicas que possuem um contorno de entoação identificável, cujo final coincide com posição em que uma pausa possa ser estabelecida.”); **frase fonológica** (“são constituídas por grupos clíticos e palavras fonológicas.”); **grupo clítico** (é junção de um clítico e um vocábulo formal); **palavra fonológica** (onde acontece a inteiração entre os componentes morfológicos e fonológicos da gramática); **pé métrico** (é uma unidade rítmica que está no nível acima da sílaba, e possui dois nódulos, um dominante e o outro dominado, que estruturam a organização fonológica do acento) e **sílaba** (estrutura essencial, na base de todo conjunto de fonemas da rede da fala) (ROBERTO, 2016).

Estudos realizados por Mateus (2004), explicam que a fonologia prosódica surgiu na confluência entre a fonologia e outros componentes da gramática, intercedidos pela prosódia. A autora confirma que, em 1986, com a publicação da obra de Nespor e Vogel, foi reconhecido que os traços prosódicos agrupam segmentos nos níveis semânticos, morfológicos, sintáticos e fonológicos, com alusão às propriedades rítmicas e de significado das línguas. Devido a isso, Nespor e Vogel propuseram a hierarquia dos constituintes prosódicos. O que as motivou a propor esses constituintes prosódicos e o modo de encontrá-los decorre de:

- (a) existirem regras da gramática que necessitam de referir-se a esses constituintes na sua formulação ou que os tem como domínio de aplicação, (b) existirem restrições fonotáticas em relação com esses grupos de segmentos e (c) existirem relações de proeminência relativa entre os elementos do grupo de segmentos (NESPOR E VOGEL, 1986, p. 59-60 apud MATEUS, 2004, p. 7).

Para a realização do propósito desta dissertação, iremos nos ater mais especificamente ao conceito de palavra fonológica, pé métrico e sílaba. Isso se deve ao fato de serem esses constituintes prosódicos, componentes fonológicos que translinguisticamente abrigam o acento. Dessa forma, pretendemos averiguá-los na Libras.

2.1.1 Palavra fonológica

De acordo com Nespor e Vogel (1986 apud BISOL, 2004), a palavra fonológica é o componente mais baixo na hierarquia prosódica, sendo o primeiro nível de interação entre morfologia e fonologia. É constituída pelo pé métrico, ou seja, pelo agrupamento de sílabas que formam o pé métrico e, por conseguinte, esse é dominado pela palavra fonológica. Sua relação de dominância está pautada na existência de uma sílaba forte, que recebe o acento proposto pelo pé métrico, e a sílaba fraca, que não recebe o acento.

Segundo Roberto (2013), não se deve confundir a palavra fonológica com a palavra morfológica, pois existe uma diferença fundamental entre elas. A primeira está relacionada ao ritmo, ao acento e a segunda, ao significado. A palavra fonológica apresenta dimensões que excedem os limites da palavra morfológica.

Em palavras compostas, tanto morfológicas, como fonológicas, pode acontecer algumas mudanças, em relação à silabificação e ressilabificação. Como é o caso da palavra morfológica “guarda-roupa”, que se constitui de apenas uma palavra morfológica e duas

fonológicas distintas. Em contra partida, no processo de ressilabificação é possível observar, que há casos em que os segmentos inalterados são preservados e outros que perdem o alinhamento de limites entre palavras, porém preservam seu significado por não perderem o material morfológico ou até mesmo fonético, como em [lu.za.ma'ɾe.lɔ]. Contudo, existe aquele que perde o material fonético, mas seu significado não é prejudicado.

O interesse em compreender o constituinte prosódico da LO, palavra fonológica, é de encontrar a manifestação do acento em sinais morfológicos compostos.

2.1.2 Pé métrico

Por ser o pé métrico um componente fonológico que compõe a estrutura do acento, faz nos atentar, também, em compreender esse constituinte da língua oralizada, para então pensarmos isso na Libras.

Estudos sobre o constituinte prosódico pé (Σ), segundo Liberman e Prince (1977 apud MISTIERY, 2013), não são recentes. Embora não tenha sido considerado um constituinte prosódico, na antiguidade clássica, mas esteve presente em análises e construção de poemas, naquele período. Somente depois de um artigo publicado, pelos autores, é que o pé métrico passou a ser considerado como sendo um constituinte prosódico.

Na hierarquia prosódica o pé métrico está em um nível acima da sílaba e abaixo da palavra fonológica. De acordo com Roberto (2016), no pé métrico, sempre haverá uma sílaba forte/dominante e a outra mais fraca/dominada, compondo, assim, a organização do acento. A sílaba que recebe o acento é a dominante, enquanto a dominada não é acentuada. O pé métrico pode ser encontrado de três maneiras: degenerado (quando há apenas uma sílaba); binário (com duas sílabas) e ternário (com três sílabas). Pode ser basicamente Troqueu¹⁴, Iambo/Jambo¹⁵, Dátilo¹⁶ e Anapesto¹⁷. Na maioria das línguas os pés métricos tendem a ser binários, como em:

(x)	(x)	(x .)	(x)
ór gã<o>	cha péu	coy ta to	co ra çon
— ∪	∪ —	— ∪ ∪	∪ ∪ —
Troqueu	Iambo	Dátilo	Anapesto

¹⁴ “um pé formado por uma sílaba longa (tônica) e uma breve (átona)” (QUINTINO, 2012 p. 162).

¹⁵ “um pé formado por uma sílaba breve e uma longa.” (QUINTINO, 2012 p. 162).

¹⁶ “um pé formado por uma sílaba longa e duas breves.” (QUINTINO, 2012 p. 162).

¹⁷ “Pé formado por duas sílabas breves e uma longa.” (QUINTINO, 2012 p. 162).

Segundo Roberto (2016), o pé métrico também é considerado uma unidade rítmica, pois pode tomar uma posição forte ou fraca dentro da palavra prosódica. A Língua Portuguesa é um exemplo de língua que, na maioria das vezes, suas palavras concentram o acento na sílaba inicial¹⁸, podendo afirmar que se trata de uma língua de ritmo trocaico.

2.1.3 Sílaba

Segundo os estudos realizados por Roberto (2016), compreender o funcionamento da sílaba é de suma importância para os estudos fonológicos.

A sílaba representa um ou mais fonemas emitidos de uma só vez e constitui a unidade mínima percebida pelos falantes, sendo considerada o menor elemento da hierarquia prosódica (ROBERTO, 2016, p.71).

De acordo com Mori (2001), a sílaba é uma combinação que ocorre entre fonemas. Essa combinação pode não só formar sílabas como também os morfemas e as palavras, porém, a estrutura silábica é a unidade básica para mostrar como o sistema fonológico de uma língua está organizado.

Assim como Mori (2001), Mistieri (2013), também declara que o estudo sobre a sílaba passou por um período de esquecimento e só voltou a ser estudada depois que reencontrou, na Fonologia não linear, um espaço de possibilidades, servindo como embasamento para estudos do pé métrico, acento e de ritmo, adquirindo, assim, um papel de suma importância nos estudos fonológicos.

O primeiro nível da organização fonológica dos fonemas de uma língua, de acordo com Mori (2001), é representado pela sílaba. Embora a estrutura silábica varie de acordo com cada língua, a mais utilizada/aceita nas línguas do mundo todo, é a forma **CV** (consoante seguida de vogal). Exemplo disso é o PB, que na maioria de sua estrutura fonológica é formada por esse segmento. Outro ponto em comum entre as estruturas silábicas das línguas do mundo é a comprovação da presença de uma vogal (**V**), como núcleo (**N**).

Dentro de sua estrutura, a sílaba pode ser complexa ou simples, fechada ou aberta. A primeira constituída de um núcleo seguido de uma consoante, enquanto a segunda é preenchida apenas por um **N**. Já no caso da sílaba ser fechada ou aberta, está relacionado ao seu final, pois a sílaba fechada termina em consoante e a aberta em vogal. Segue o molde das possíveis sílabas do PB:

¹⁸ Pé métrico com cabeça à esquerda – troqueu. (ROBERTO, 2016, p. 87).

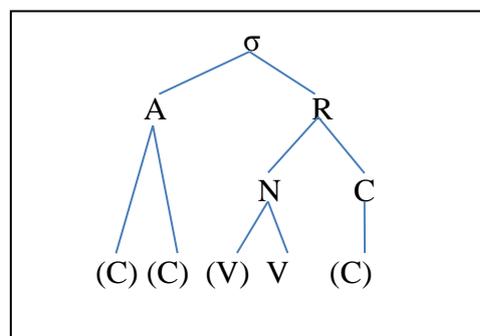
1) <i>Uva</i>	V
2) <i>Chuva</i>	CV
3) <i>Curva</i>	CVC
4) <i>Perspicaz</i>	CVCC
5) <i>Prato</i>	CCV
6) <i>Triste</i>	CCVC
7) <i>Transtorno</i>	CCVCC
8) <i>Harpa</i>	VC
9) <i>(não há)</i>	VCC
10) <i>Outro</i>	VV
11) <i>Couro</i>	CVV
12) <i>Deus</i>	CVVC
13) <i>(não há)</i>	CVVCC
14) <i>Fralda</i>	CCVC
15) <i>Claustro</i>	CCVVC
16) <i>(não há)</i>	CCVVCC

Figura 2.2: Molde silábico do PB.
Fonte: Cristófarro-Silva (2011 apud ROBERTO, 2016)

De acordo com o estudo realizado por Quintino (2012),

...a sílaba é uma estrutura constituída hierarquicamente por um elemento opcional, o *Onset* e por outro obrigatório, a *Rima*. Esta pode ser subdividida em Núcleo, que também é obrigatório, e em *Coda*, que por sua vez é opcional (QUINTINO, 2012, p. 138)

Trata-se de posições hierárquicas definidas, em que a posição de *Onset*/Ataque e a posição de *Coda*, que são opcionais, sempre serão ocupadas por consoantes, enquanto a posição de **Núcleo**, que é obrigatória, sempre será ocupada por vogal. Conforme Quintino (2012), a representação da estrutura silábica é realizada pela letra grega sigma σ , que significa sílaba. Vejamos a representação do tipo silábico da LP:



Na estrutura silábica, todos os seus atributos não precisam ser necessariamente preenchidos, como dissemos acima, ou seja, eles podem ser vazios, porém um deles nunca poderá ser vago/desocupado, o **N**. Como foi dito anteriormente, é a sílaba que recebe o acento. Isso pode acontecer com ou sem a presença de uma ou duas consoante antes da vogal, como também com ou sem a presença de uma consoante depois da vogal, porém nunca sem o **N**, que é ocupado opcionalmente por duas vogais.

2.2 Definições de acento do Português Brasileiro - PB

O acento pode ser considerado como sendo uma ênfase/realce na palavra, alterando o som das vogais, ou até mesmo mudar o seu significado, dependendo de sua posição na palavra. O acento é inerente às palavras ou enunciados no PB. Todavia, não podemos entendê-lo tão somente com essa definição.

Segundo Bechara (2009), existem sete diferentes situações em que o acento pode ser realizado. Primeiro como sendo apenas uma maneira de ressaltar/relevar a pronúncia de um som ou grupo de sons. Segundo, para demarcar a intensidade de uma sílaba, ou seja, a sílaba acentuada é aquela que se sobressai dentre as demais dentro de uma palavra ou enunciado, essa recebe o acento tônico, no qual as demais sílabas poderão ocupar a posição de pretônicas¹⁹ ou postônicas²⁰. Terceiro, a posição do acento tônico pode ser realizado de três maneiras distintas, ocorrendo apenas entre as três últimas sílabas da palavra: oxítonos (incide na última sílaba), paroxítonos (incide na penúltima sílaba) e proparoxítonos (incide na antepenúltima sílaba). Quarto, dependendo da intensidade da posição do acento tônico, ele poderá proporcionar um novo significado à palavra, como por exemplo: sábia, sabia e sabiá. Quinto, o acento pode ser principal e secundário, em outras palavras, ele pode ocorrer de duas maneiras dentro de uma mesma palavra, com mais intensidade (tônica) em uma sílaba e menos (subtônica) em outra. Sexto, funcionando como marcação de insistência e emocional e a sétima situação em que o acento pode ser realizado é como intensidade na frase/enunciado.

Roberto (2016) afirma que existem diferentes teorias empenhadas em explicar e formalizar pesquisas sobre o acento do PB, porém em seus estudos procurou abordar os fatores que considerou proeminentes. Segundo a autora, o acento é um fonema que se

¹⁹ Sílabas que se posicionam antes da sílaba tônica. (BECHARA, 2009)

²⁰ Sílabas que estão depois das sílabas tônicas. (BECHARA, 2009)

justapõe aos segmentos da cadeia sonora, não se revela, nesta cadeia, de forma linear, devido a isso é conhecido como suprasegmental²¹.

Assim como Bechara (2009), Roberto reafirma que no PB, o acento de maior intensidade, só é permitido acontecer acima de uma das três últimas sílabas da palavra, porém com um diferencial, a autora confirma que as palavras do PB, em sua maioria, são formadas por paroxítonas, ou seja, o PB é uma língua de ritmo trocaico. Isso se deve ao grande número de palavras emprestadas do grego e do latim.

Outro ponto relevante que a autora menciona é a distinção de peso existente entre as sílabas dentro de uma palavra, podendo ser leve ou pesada. A posição do acento será primordial para distinguir essa diferença entre as sílabas. Esse peso silábico está relacionado à Rima, no qual a sílaba que tem mais de um elemento (vogal+consoante) compondo a Rima será a sílaba pesada, enquanto a que tiver apenas um elemento (vogal) será a sílaba leve.

Cagliari (1999 apud SCARPA, 1999), em seu estudo “Sobre o percurso histórico da acentuação em português”, reafirma ser do latim a maior parte da origem do acento do PB. Embora, ao longo do tempo, a língua portuguesa do Brasil tenha passado por mudanças fonológicas, não significa que tenha acontecido também uma troca no conjunto de valores dos parâmetros do acento dessa língua. O que tem mudado é o domínio e o módulo de aplicação da regra (de pós-lexical ao lexical) e não os valores dos parâmetros do ritmo. À distribuição do acento, as palavras permanecem iguais, pelo peso silábico e pela presença ou não de uma consoante após o núcleo (vogal), ou até mesmo a presença de um ditongo, que pode assim atrair o acento.

2.3 Estrutura linguística da Libras

Não pretendemos constatar a veracidade da Libras, como sendo uma língua natural, pois isso já fora provado. Dessa forma, torna-se irrelevante tratarmos de algo óbvio, porém apresentaremos um panorama geral de sua estrutura linguística, em especial, trataremos de dois ramos da ciência da linguagem que estudam as articulações e a categorização dos sinais: fonética e fonologia das LSs. Aspiramos apontar aspectos relevantes que corroboraram para oficialização dessa língua, que posteriormente servirão como suporte para compreensão da análise desta pesquisa e da própria gramática da Libras..

²¹ É o nível de representação dos elementos que estão acima dos segmentos vocálicos e consonantais. (SILVA, 2015)

A Libras, assim como qualquer outra Língua, possibilita “à criança constituir sua língua materna ao mesmo tempo em que por ela é constituída.” (SILVA, 2011 p. 81), sua estrutura gramatical possui todas as características morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e sintáticas das línguas orais. Para Brito (S/D)

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade, mas seguem também princípios básicos gerais. (BRITO, S/D, p.4)

“É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela lingüística” (SILVA et al, 2007). No entanto, existe uma significativa diferença entre as LSs e LOs, que consiste no modo/canal de percepção e produção das informações linguísticas. Nas LOs, as informações linguísticas são percebidas pela audição e produzidas pelo aparelho fonador, enquanto, nas LSs as informações linguísticas são percebidas pelos olhos e produzidas, mais precisamente, pelas mãos.

Para Brito (S/D), nas línguas orais, o que é designado como itens lexicais/palavras, nas línguas de sinais são reconhecidos como sinais.

A Libras é uma língua de modalidade espaço-visual, articulada espacialmente pelos sujeitos que a utilizam e a relação entre significado e significante é visual.

“Embora exista um grande elevado de sinais icônicos (beber, árvore, casa, avião...), é importante destacar que essa característica não é exclusivamente das línguas de sinais” (GESSER, 2009, p. 23). Formas essas, que segundo Martelotta (2011), apresentam características que se assemelham ao objeto que se refere, em outras palavras, a iconicidade é a propriedade de se apresentar semelhante que o ícone tem com o objeto representado.

2.3.1 Precursor nos estudos das Línguas de sinais - LSs

As línguas de sinais passaram a ser aceitas, pela linguística, como sendo línguas naturais a partir do estudo precursor de William Stokoe, na década de 1960. Stokoe foi o primeiro linguista a defender que essas línguas são naturais. Suas pesquisas foram baseadas em observações realizadas na ASL.

Segundo Xavier (2006), Stokoe corroborou com a ideia de que as línguas de sinais são formadas por símbolos complexos e abstratos, que podem ser estudados como unidades

menores. Para isso, propôs três aspectos essenciais para constituição de sinais, os quais retomamos aqui. A configuração de mão (diversas formas que a (s) mão (s) assume (m) no momento da realização do sinal), localização (espaço neutro ou uma região específica em frente ao corpo, no qual os sinais são realizados) e movimento (modo como a mão se desloca na realização de um sinal). Esses parâmetros, individualmente, possuem um número limitado de combinações, podem se recombinar em diferentes constituições de forma a produzirem todos os itens lexicais desta língua.

Em forma de comparação com as línguas orais, Stokoe averiguou que os parâmetros das línguas de sinais, além de apresentarem a possibilidade de recombinações, também possuem traços que constituem segmentos distintivos de significado, ou seja, apresentam pares mínimos que toda língua natural necessita para ser considerada, pelos linguistas, como sendo uma língua. Propondo isso, Stokoe apresentou uma diferença significativa entre a estrutura fonológica das línguas de sinais e das línguas orais, que está no modo como os fonemas se organizam. Os fonemas das línguas orais são produzidos sequencialmente, enquanto nas línguas de sinais podem acontecer simultaneamente. Ressaltamos que a existência de sequencialidade na produção de fonemas, das línguas de sinais, não foi descartada por Stokoe, mas considerada apenas irrelevante.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), Stokoe apresentou dezenove configurações de mãos, doze localizações e vinte e quatro modos de movimentos.

Posterior aos estudos de Stokoe houve pesquisadores que, de forma considerável, não ignoraram seus estudos, mas respeitosa e contestaram que seus estudos não davam conta de esclarecer a organização das LSs. Conforme Quadros e Karnopp (2004), estes pesquisadores propuseram acréscimos que aperfeiçoaram os parâmetros e as relações estruturais entre a sequencialidade e a simultaneidade na descrição fonológica dos sinais, tornando os estudos das línguas de sinais mais satisfatórios. Lembrando que os pesquisadores, que deram continuidade aos estudos de Stokoe, foram baseados nas LSs de seus respectivos países.

2.3.2 Estrutura gramatical da Libras.

As pesquisas realizadas sobre a estrutura da LS do Brasil iniciaram-se a partir da década de 1980. De acordo com Silva (2012), essas pesquisas diversificaram-se entre estudo estruturalista, aquisição, histórica, formação de léxico, como também os instrumentos linguísticos: dicionários e proposta de uma gramática. Dentre os pesquisadores que iniciaram

seus estudos, nessa época, sobre a Libras, temos como precursora a autora Lucinda Ferreira Brito.

Com bases em pesquisas realizadas por William Stokoe, pioneiro nos estudos linguísticos da ASL e outros pesquisadores, Ferreira (2010) afirma que a estrutura linguística da Libras também é formada por parâmetros fonológicos, considerando três, os mais importantes: a configuração da(s) mão(s) (doravante **CM**), o ponto de articulação (doravante **PA**) e o movimento (doravante **M**). Observemos na imagem abaixo os parâmetros fonológicos da Libras, sinalizando o sinal “certo”.

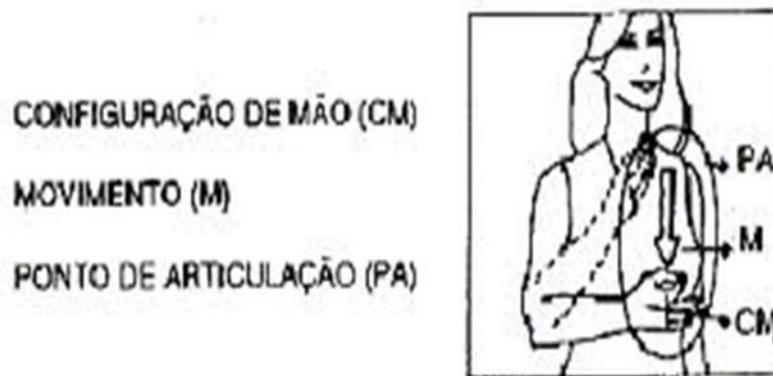
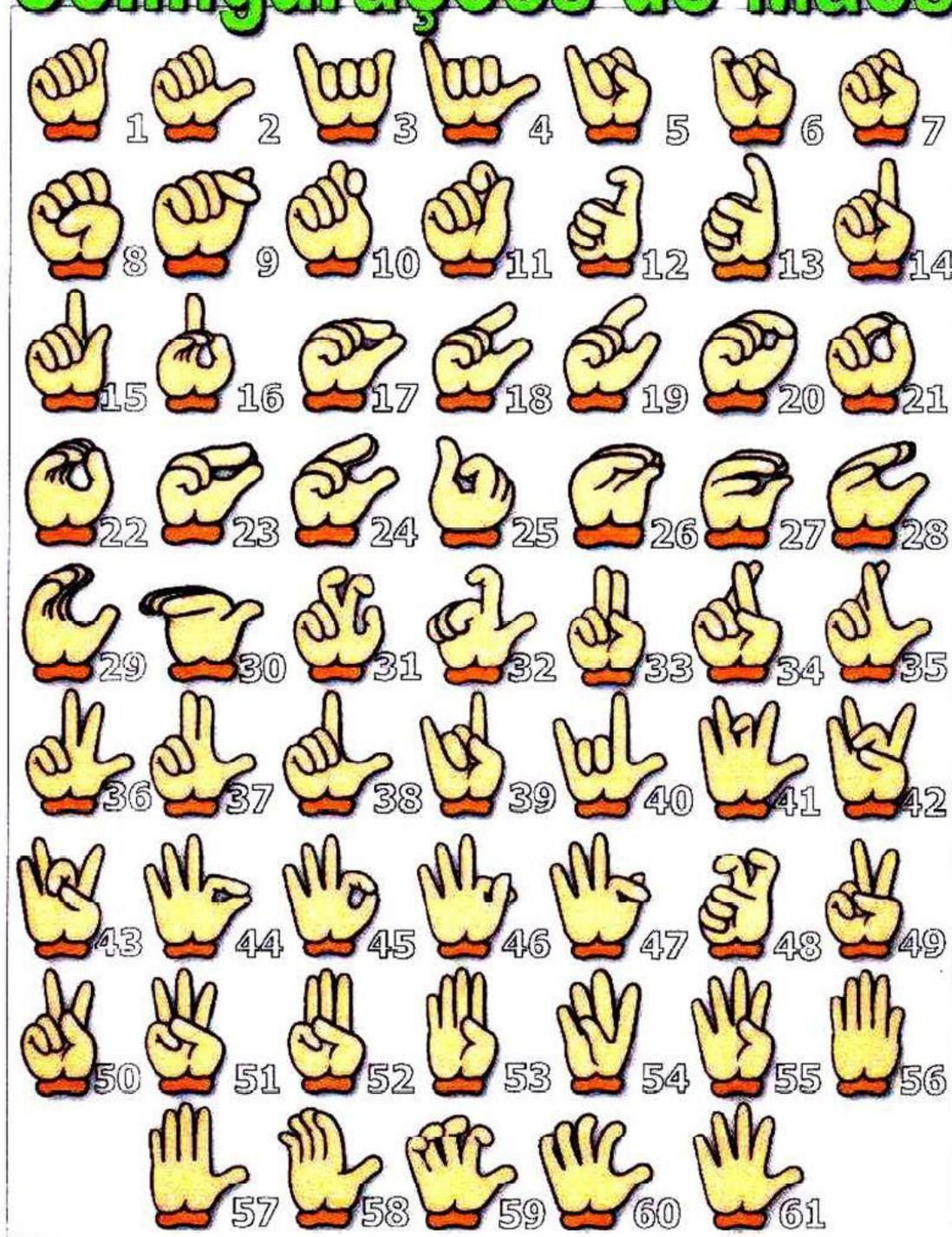


Figura 2.3: Parâmetros de sinal em Libras.
Fonte: Ferreira (2010, p. 24).

Ferreira (2010) reafirma que a **CM** são as diversas formas que as mãos assumem quando estão realizando os sinais. Tais configurações se formulam, a partir das 46 configurações de mão apresentadas pela estudiosa. A cada configuração é possível acrescentar o movimento, ponto de articulação, a expressão não-manual e a posição da (s) mão (s). Vejamos as configurações de mãos propostas por Ferreira (2010):

Configurações de Mãos



LSB
 LSB - LINGUA DE SINAIS BRASILEIRA LTDA.
 Largo São Francisco de Paula 26 sala 1221 Centro Rio de Janeiro RJ 20051-070 - e-mail LSB@LSBVideo.com.br Internet www.LSBVideo.com.br telefex (0xx 21) 2221-898
 CNPJ 03609448/0001-03 INSC MUNIC 02737779 INSC EST 77129818

Figura 2.5: 61 Configurações de Mãos da Libras.

Fonte: <http://charles-libras.blogspot.com.br/2014/10/configuracoes-de-mao.html>.

Para Ferreira (2010), o parâmetro **M** é compreendido como sendo complexo, pois abarca uma ampla rede de configurações e direções, que apresentam traços fonológicos, ou seja, distintivos de significado, envolvendo desde os movimentos do pulso, das mãos, antebraços, os movimentos internos das mãos, os movimentos direcionados no espaço, que podem acontecer de modo unidirecional, bidirecional e multidirecional, até a descrição de sua velocidade, tensão e qualidade, como também possibilidade de perceber a frequência/repetições do movimento no momento da realização do sinal.

Os tipos de movimentos postulados por Ferreira (2010) são:

a) Retilíneo



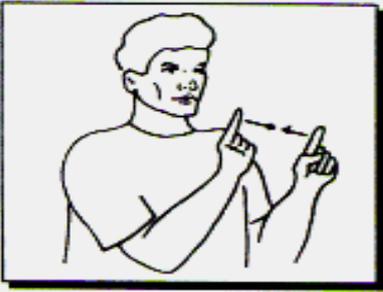
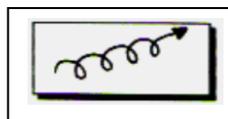
ENCONTRAR	ESTUDAR	PORQUE
		

Figura 2.6: Sinais com movimento Retilíneo

Fonte: <http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/livros/aspectoslinguisticosLibras.pdf>

b) Helicoidal



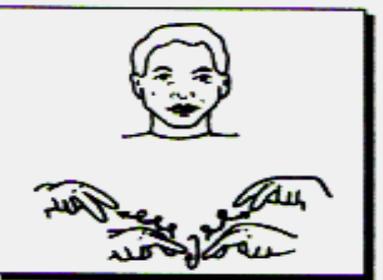
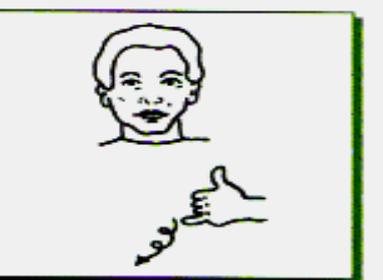
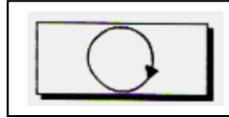
ALTO	MACARRÃO	AZEITE
		

Figura 2.7: Sinais com movimento Helicoidal

Fonte: <http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/livros/aspectoslinguisticosLibras.pdf>

c) Circular



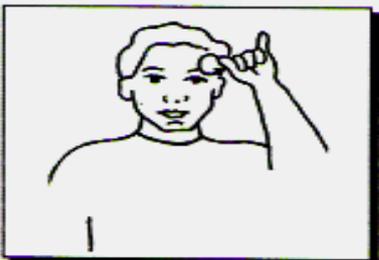
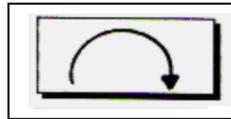
BRINCAR	BOBO	BICICLETA
		

Figura 2.8: Sinais com movimento Circular

Fonte: <http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/livros/aspectoslinguisticosLibras.pdf>

d) Semicircular

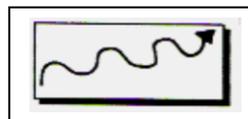


SURDO	SAPO	CORAGEM
		

Figura 2.9: Sinais com movimento Semicircular

Fonte: <http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/livros/aspectoslinguisticosLibras.pdf>

e) Sinuoso



BRASIL	RIO	NAVIO



Figura 2.10: Sinais com movimento Sinuoso

Fonte: <http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/livros/aspectoslinguisticosLibras.pdf>

f) Angular



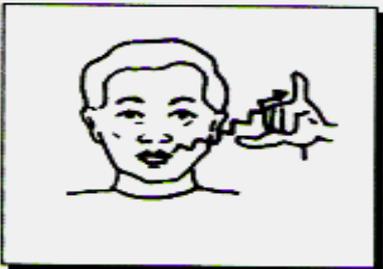
RAIO	ELÉTRICO	DIFÍCIL
		

Figura 2.11: Sinais com movimento Angular

Fonte: <http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/livros/aspectoslinguisticosLibras.pdf>

Quadros e Karnopp (2004) sugerem um quadro para mostrar as categorias do parâmetro **M**, postulado por Brito (1990), como segue:

Categorias do parâmetro <i>movimento</i> da Libras (Ferreira, 2010)	
TIPO	
Contorno	Retilíneo; helicoidal; circular; semicircular; sinuoso; angular e pontual.
Interação	Alternado; de aproximação; de separação; de inserção e cruzado.
Contato	De ligação; de agarrar; de deslizamento; de toque; de esfregar; de riscar; de escovar ou pincelar.
Torcedura do pulso	Rotação e com refreamento.
Dobramento do pulso	Para cima e para baixo.
Interno das mãos	Abertura; fechamento; curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).
DIRECIONALIDADE	
Unidirecional	Para cima; para baixo; para a direita; para esquerda; para

	dentro; para fora; para o centro; para a lateral inferior esquerda; para a lateral inferior direita; para a lateral superior esquerda; para a lateral superior direita e para específico ponto referencial.
Bidirecional	Para cima e para baixo; para esquerda e para direita; para dentro e para fora e para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda.
Não-direcional	
MANEIRA	
Qualidade, tensão e velocidade	Contínuo, de retenção e refreado.
FREQUÊNCIA	
Repetição	Simple e repetido.

O terceiro parâmetro, considerado um dos mais importantes na estrutura gramatical da Libras por Ferreira (2010), **PA** ou **Locação** (doravante **L**), é definido pela autora como “o espaço em frente ao corpo ou região do próprio corpo, onde os sinais são articulados” (FERREIRA, 2010, p. 37). É o espaço/área de enunciação em que estão reunidos todos os pontos possíveis para realização do sinal. Projetado sobre os consecutivos segmentos:

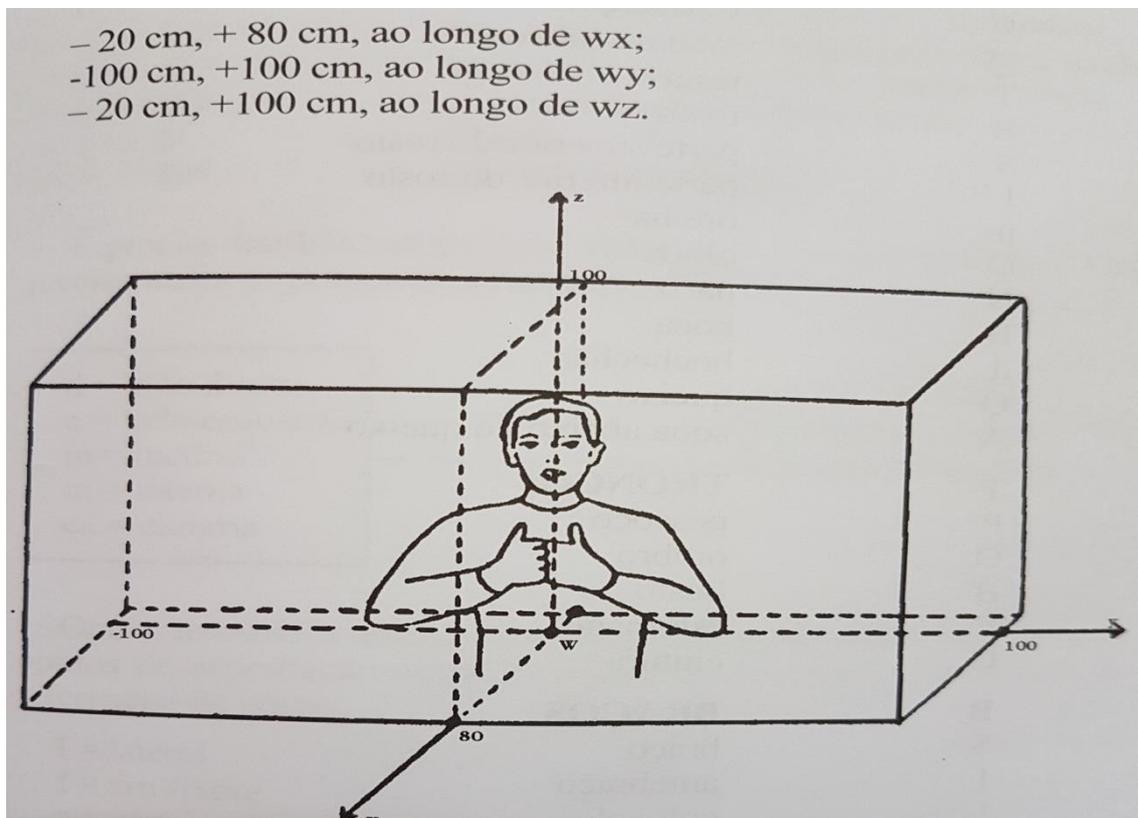


Figura 2.12: Espaço de realização dos sinais.
 Fonte: Ferreira (2010, p.215)

Os pontos de articulação são delimitados dentro do referido espaço e divididos em quatro principais regiões, porém é necessário o emprego de mais alguns outros termos, pois também são distintivos de significado.

Quadro de Pontos de Articulação proposto por Ferreira (2010, p. 216)	
CABEÇA	Dedo mínimo
Topo da cabeça	Anular
Testa	Dedo médio
Rosto	Indicador
Parte superior do rosto	Polegar
Parte inferior do rosto	Interstícios entre os dedos
Orelha	Interstício entre o polegar e o indicador
Olhos	Interstício entre os dedos indicador e médio
Nariz	Interstício entre os dedos médio e anular
Boca	Interstício entre os dedos anular e mínimo
Bochechas	PERNA
Queixo	ESPAÇO NEUTRO
Zona abaixo do queixo	Adjetivos²³ que localizam precisamente o PA
TRONCO	Lado direito
Pescoço	Lado esquerdo
Ombro	Medial
Busto	Interna
Estômago	Externa
Cintura	Descrição de translação horizontal²⁴ do PA
BRAÇOS	Lateral
Braço	Em frente
Antebraço	Atrás

²³ O que Ferreira (2010) define como adjetivo, entendemos como conjunto de traços que podem ser distintivo de significado.

²⁴ Embora Ferreira (2010) trate apenas de translação horizontal há inúmeros casos em que o traço manifesto evolui uma translação vertical.

	Descrição dos demais PA
Cotovelo	
Pulso	Imediatamente próximo
MÃO	Distância média
Palma	Distante
Costas da mão	Em contato
Lado do indicador	Contato inicial
Lado do dedo mínimo	Contato medial
Dedos	Contato final
Ponta dos dedos	Cruzamento
Nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão)	
Nós dos dedos (primeira junta dos dedos)	

Ainda sobre a estrutura interna da Libras, de acordo Quadros e Karnopp (2004), posterior aos estudos de Stokoe, Battison (1974) e outros pesquisadores propuseram mais dois parâmetros, com base na existência de pares mínimos, em sinais que apresentam mudança de significado, com, apenas, a troca de um desses parâmetros, a saber, orientação das mãos e expressão não manual.

A Orientação das Mãos (doravante **Or**) é o parâmetro que tem a função de direcionar a palma da mão no momento da realização do sinal, podendo ser voltada para o corpo, para direita; para esquerda; para cima; para baixo; para frente. Durante a sinalização pode ocorrer mudança de **Or** da palma da mão.

Já o parâmetro Expressão Não Manual (doravante **ENM**), são aqueles movimentos/expressões realizadas na face, nos olhos, na cabeça ou no tronco. Como proposto por Ferreira (2010), no quadro a seguir:

Expressões não-manuais da Libras. Ferreira (2010, p. 240-241)	
ROSTO	<p><i>Parte Superior:</i></p> <p>Sobrancelhas franzidas Olhos arregalados Lance de olhos Sobrancelhas levantadas</p> <p><i>Parte inferior</i></p>

	Bochechas infladas Bochechas contraídas Lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha Apenas a bochecha direita inflada Contração do lábio superior Franzir do nariz
CABEÇA	Balanceamento para frente e para trás (sim) Balanceamento para os lados (não) Inclinação para frente Inclinação para o lado Inclinação para trás
ROSTO E CABEÇA	Cabeça projetada a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas (ex.: o que?, quando?, como?, quando?, por que?) Cabeça projetada para trás, e olhos arregalados (ex.: quem?)
TRONCO	Para frente Para trás Balanceamento alternado de ombros Balanceamento simultâneo de ombros Balanceamento de um único ombro

Compreender o funcionamento da estrutura gramatical da Libras nos possibilita desenvolver um olhar mais atento, além de ser, também, de suma importância para análise e compreensão do objeto dessa pesquisa, o acento em Libras. Acreditamos poder assim, contribuir para o fortalecimento de sua oficialização, pois tendo uma estrutura gramatical própria, não encontramos estudos que comprovem o funcionamento desse suprasegmento, nessa língua, nas bibliografias específicas na área.

No tópico seguinte, trataremos da fonética e fonologia das LSs, áreas constitutivas de todo e qualquer referencial linguístico e assim objeto de investigação da ciência da linguagem.

2.3.3 Fonética e fonologia das LSs

Segundo o precursor dos estudos das LSs, Stokoe, estas línguas, assim como todas as demais línguas naturais, possuem uma estrutura fonológica subjacente que é constitutiva de toda e qualquer língua natural. No caso das LSs, existe outra possibilidade articulatória para produção de sentido que viabiliza a comunicação diferente daquela das LOs . Enquanto as LSs têm como característica articulatória o fato de ser espaço-visuais, as LOs se caracterizam por serem orais, ou seja, usam canais articulatórios distintos.

Para Quadros & Karnopp (2004), por ser as LSs de modalidades espaço-visuais, a função da fonética e da fonologia, nos estudos dessas línguas, que se relacionam entre si, mas possuem perspectivas diferentes, será realizada de forma distinta. Vejamos:

A principal preocupação da fonética é *descrever* as unidades mínimas dos sinais. A fonética descreve as propriedades físicas, articulatórias e perceptivas de configuração e orientação de mão, movimento locação, expressão corporal e facial. [...] A fonologia estuda as diferenças percebidas e produzidas relacionadas com as diferenças de significado (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 81-82).

A partir da proposta de Stoke em decompor os sinais das LSs, tornou-se possível a realização de estudos mais específicos, em relação a essas línguas. Os parâmetros das LSs, como tratados no item 2.3.2, são considerados como unidades mínimas na formação dos sinais, independente de qualquer língua de sinal, assim como acontece com os fonemas das línguas oralizadas.

Assim como Brito (S/D), os autores Quadros e Karnopp (2004), ratificam que a denominação dada ao termo palavra/item lexical, nas línguas oralizadas, é designado sinal, nas línguas de sinais. Assim, os sinais são formados a partir de combinações entre os parâmetros (**CM**, **M**, **PA**, **Or.** e **ENM**) dessas línguas. Embora, sejam apenas cinco parâmetros, ao se combinarem, geram um número limitado de sinais, com a função de determinar o sentido/significado entre um sinal e outro, que por sua vez combinados e recombinados formam um número ilimitado de possibilidades diferentes de produção de sentenças.

Passaremos a seguir a discussão das contribuições da fonética e da fonologia para descrição e normatização da estrutura gramatical das LSs.

2.3.3.1 Fonética das LSs

Assim como a fonética trata, nas línguas oralizadas, da fala e das diversas formas de realizações de seus fones, nas LSs muda-se o modo de articulação e o seu papel fundador, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), passa a ser o de investigar as diversas formas de realizações de seus parâmetros:

...descrever a seleção dos dedos (número de dedos selecionados), a configuração dos dedos (mão fechada ou aberta, dedos flexionados ou

estendidos, contato e abertura entre os dedos), entre outros (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 81).

A fonética das LSs trata da sinalização, do modo como os sinais são produzidos/articulados e quais os pontos usados para articulação dos sinais. É possível considerar, então, que essa área vai estudar os aspectos físicos que estão relacionados à percepção e à produção dos sinais. A transcrição de suas unidades básicas são realizadas entre colchetes [i]. Vejamos o exemplo:

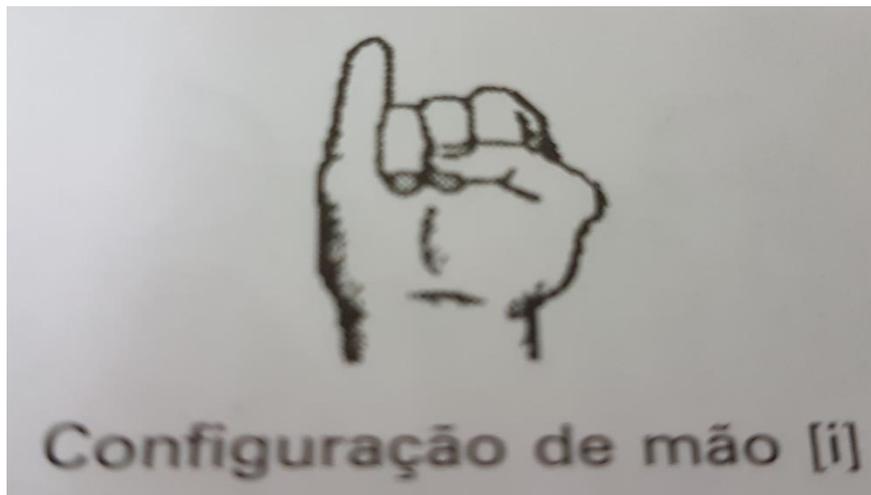


Figura 2.13: Exemplo de transcrição fonética da Libras.
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p.81)

Nas LO, as transcrições das unidades mínimas também são realizadas entre colchetes. Entretanto, para que seja feita uma transcrição fonética dessas unidades é necessário compreender que as unidades básicas de estudo para a fonética não são letras e nem fonemas e, sim os fones. Esses, por sua vez, são representados por símbolos encontrados no Alfabeto Fonético Internacional – AFI, ilustrado pela Associação Internacional de Fonética (I.P.A.).

Adotamos, como base de percepção de ainda não haver um alfabeto fonético das unidades básicas das LSs, apenas os autores Quadros e Karnopp (2004), por terem sido eles, dentre outras leituras que realizamos, sobre a fonética na Libras, os únicos a se aproximarem do que é proposto pela fonética, no que se refere à transcrição dessas unidades, que as transcrições fonéticas devam ser realizadas entre colchetes. Embora os autores tenham usado os colchetes no exemplo apresentado, não usaram fones dentro deles e sim, fonema pertencente à LO, em outras palavras, ainda não há evidências empíricas que comprovem a existência dos fones na Libras.

Partindo desse pressuposto, podemos entender a necessidade de estudos mais específicos que tratem/abordem das unidades mínimas da Libras, pois assim como as LOs têm um conjunto básico de sons mais usados nas línguas do mundo, que são representados pelos símbolos do IPA, a Libras também possui um conjunto de modos diferentes de sinalizar, porém ainda não se tem um levantamento da quantidade e nem os símbolos que poderiam representá-los, em uma transcrição fonética, para então propor um alfabeto fonético próprio da língua. Acreditamos que futuros estudos, nessa perspectiva, poderão proporcionar uma descrição fonética mais específica e precisa da Libras.

2.3.3.2 Fonologia das LSs

A área da fonologia das LSs investiga o comportamento dos fonemas (parâmetros fonológicos) e sua organização interna/estrutura desses parâmetros.

Para abarcarmos os estudos dessa área nas LSs, é imprescindível a compreensão da organização sublexical proposta pelo precursor Stokoe e o que foi proposto por Liddell (1984). Stokoe propôs que os sinais fossem instituídos por fonemas estruturados e produzidos de forma simultânea. Embora não tenha sido seu interesse de pesquisa, não descartou a possibilidade de existir a sequencialidade em sua estrutura.

Posterior aos estudos de Stokoe, temos o que foi proposto por Liddell (1984 apud Xavier 2006), de que na ASL existem duas categorias de sinais: os que são unitários e os sequenciais. Os unitários são aqueles que têm aspectos formacionais estáticos (sinais produzidos com ou sem movimento), enquanto os sequenciais são aqueles realizados em sequência.

Em seus estudos, Xavier (2006), ratifica o que foi proposto por Liddell & Johnson ao dizer que:

... a simultaneidade é o princípio organizador da estrutura de cada segmento, a sequencialidade é o princípio organizador da estrutura interna de cada sinal, uma vez que este pode ser constituído de mais de um segmento (XAVIER, 2006, p. 25).

A fonologia das LSs “estuda as diferenças percebidas e produzidas relacionadas com as diferenças de significado” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p.82), e tem o papel de determinar as unidades mínimas formadoras dos sinais, estabelecer os possíveis padrões de combinação e apresentar os traços distintivos de significado. Para tanto, como já apontado no

item 2.3.2, Ferreira (2010) descreveu 218 desses traços, possibilitando, para essa pesquisa, a constatação do acento em Libras.

Segundo Roberto (2016), na Língua oralizada, é possível identificar os pares mínimos quando percebemos o traço distintivo de significado, como no exemplo “vaca” e “faca”. Nesse exemplo há dois fonemas distintos, porém o que os fazem serem distintivos de significado é o traço sonoro, ou seja, o que os diferencia é a troca de apenas um elemento sonoro entre as palavras.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), o mesmo acontece com a Libras, entre sinais que produzem significados diferentes com a troca de apenas um dos traços envolvidos na sinalização, ou seja, este traço será considerado um traço distintivo de significado. Vejamos os exemplos:

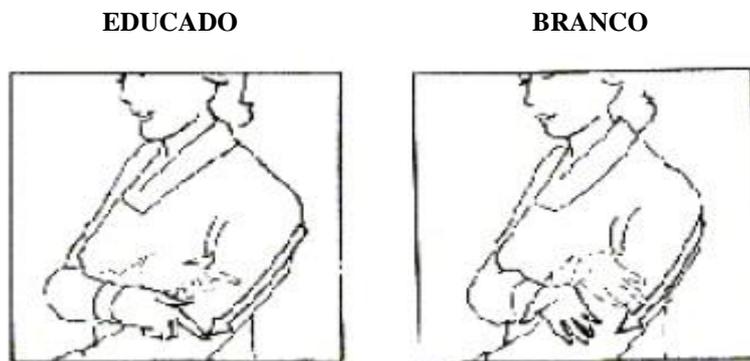


Figura 2.14: Exemplo de par mínimo de sinais que se opõem quanto ao PA.
Fonte: <http://librasitz.blogspot.com.br/2010/07/os-cinco-parametros.html>



Mãos “S”

APRENDER

LARANJA

Exemplos:

APRENDER

- CM: “C” e “S”
- PA: Testa
- M: Abrir e Fechar

LARANJA

- CM: “C” e “S”
- PA: Frente á Boca
- M: Abrir e Fechar

Figura 2.15: Exemplo de par mínimo de sinais que se opõem quanto a CM.
Fonte: <http://segredos-abominantes.blogspot.com.br/2012/11/libras.html>

Como foi possível perceber, as palavras em português se estruturam a partir de unidades mínimas sonoras, enquanto os sinais, na Libras, se estruturam a partir de unidades mínimas espaciais. Essas unidades, como foram abordadas, são distintivas porque, quando há a mudança de uma por outra, suscitam um novo item lexical com significado diferente.

Dentre outros constituintes que formam a fonologia de uma língua, temos a estrutura silábica, a palavra fonológica e o pé métrico, nos quais a maioria dos processos fonológicos, mais relevantes, acontece, além da entonação e do acento. Por ser o foco dessa pesquisa, evidenciar o acento na Libras, adentraremos ao constituinte da sílaba na Libras, assim como proposto por Aguiar (2013), o acento em ASL, tratado por Wilbur(1999) e por ainda não haver um estudo sobre a palavra fonológica e o pé métrico na Libras, tomaremos como base, em nossa análise, estudos já realizados nas LOs. Trataremos da sílaba por ser o constituinte fonológico que abriga o acento, palavra fonológica, por ser o constituinte dominante do pé métrico e, esse, por sua vez, por compor a organização do acento. Nessa perspectiva, evidenciaremos o acento na sílaba dentro dos sinais da Libras, buscando materializar tal aspecto suprasegmental, além de verificar, se é possível, nessa modalidade de língua, assim como é tratado por Wilbur, o acento acontecer no sinal.

2.3.3.2.1 Sílaba na Libras

Assim como em qualquer outra língua natural a sílaba é um constituinte fonológico tomado como universal, em outras palavras, presente em todas as línguas e reconhecida pelos linguistas do mundo. Na Libras, isso não é diferente, pois esse constituinte fonológico também já foi evidenciado. Para abordar esse assunto, partiremos dos estudos realizados por Aguiar (2013). Embora Liddell e Johnson (1989), Sandler e Lillo-Martin (2006), Hulst (1993) e como também Cunha (2011), já tenham desenvolvidos pesquisas de suma importância para os estudos das LSs, selecionamos a pesquisa de Aguiar (2013), por ter resultados que mais se aproximam do interesse da nossa pesquisa, em se tratando de sílaba.

No primeiro momento, o objetivo de Aguiar não era pesquisar a existência de sílaba na Libras, pois outrora Cunha (2011), com base em estudos realizadas na ASL, sobre sílaba, já havia realizado um importante trabalho nessa perspectiva e a partir, dessa pesquisa, conseguiu importantes contribuições para desenvolver seu estudo. No entanto, os resultados foram diferentes, ao se referir ao N da sílaba.

Os dados coletados por Aguiar apontaram para que o parâmetro **PA** fosse o mais conveniente para ser aceito como **N**, pois é o único parâmetro que perdura na realização de

todos os sinais na Libras. Isso se deve ao fato dessa língua, assim como qualquer outra LS, já ter uma descrição fonológica consolidada, e que por esse motivo, torna-se indispensável a presença desses elementos na estrutura silábica. Contudo, isso não fora proposto anteriormente, pois consideraram o parâmetro **M** como **N**, ao proporem os sinais sem o parâmetro **M** terem o Movimento Transitório²⁵. No entanto, segundo Aguiar, isso não é possível, visto esse movimento não distinguir significado e por isso ir contra os princípios fonológicos de formação silábica.

Para comprovar a existência do **N** na sílaba, na Libras, o autor apresentou algumas exposições de sinais. Embora tenha também declarado a presença da sequência silábica simultânea em alguns sinais, constatou que sem a sequencialidade, na língua, não seria possível comprovar a existência do núcleo silábico.

Partindo desse pressuposto, o autor fez um levantamento da quantidade de sílabas possíveis e afirmou que os sinais podem ser monossilábicos (sinais formados por uma sílaba) ou dissilábicos (sinais formados por duas sílabas), como também podem apresentar sequências silábicas simultâneas. Vejamos alguns exemplos:



Mão direita em A, palma para esquerda, polegar destacado. Passar o lado do polegar sobre a bochecha, em direção ao queixo.

Figura 2.16: Exemplo de sinal monossílabo.
Fonte: Apostila do CAS-GO apud Aguiar (2013, p. 54).

²⁵ Movimento que ocorre entre os sinais e na preparação da realização de algum sinal. (AGUIAR, 2013, p. 59)

Neste exemplo o sinal é monossilábico por ser constituído de apenas um **PA**, ou seja, o sinal é formado por apenas um **N**.

SURDO

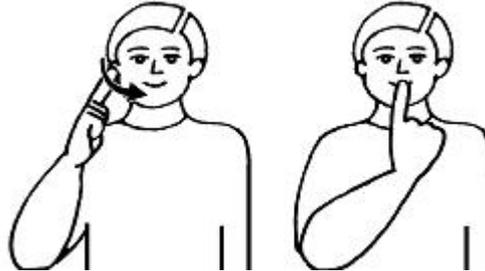


Figura 2.17: Exemplo de sinal dissílabo.
Fonte: Capovilla et al (2013, p. 2316).

O sinal **SURDO** apresenta duas sequências silábicas (parte de um **PA** a outro **PA**), é dissílabo por conter dois **PA**, em outras palavras, o sinal é formado por dois **N** que são produzidos em uma sequência silábica.

MACACO

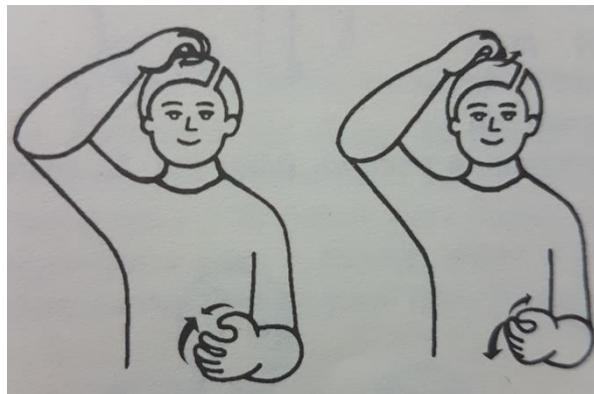


Figura 2.18: Exemplo de sinal dissílabo, com duas sequencias silábicas simultâneas.
Fonte: Capovilla et al (2013, p. 1611).

No sinal **MACACO**, considerando uma característica idiossincrática da LS, duas sílabas podem ser realizadas simultaneamente, embora os dois pontos de articulação aconteçam de forma simultânea, será dissílabo por conter dois **N**.

A representação da estrutura silábica da Libras, proposta por Aguiar, segue, a princípio, o que é proposto na representação silábica das **LOs**. Vejamos:

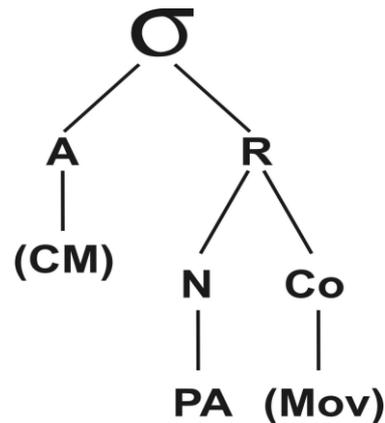


Figura 2.19: Estrutura da sílaba na Libras.
Fonte: Aguiar (2013, p. 53).

Assim como nas línguas oralizadas, segundo Aguiar (2013), a estrutura da sílaba na Libras é realizada por três constituintes silábicos. A representação silábica é realizada pelo sigma [σ] e subdivide-se em dois outros constituintes silábicos: Ataque (**A**) ou *Onsat* (**O**) e *Rima* (**R**), sendo que o segundo ramifica-se obrigatoriamente com o núcleo (**N**) e opcionalmente com a *Coda* (**Co**). Ressaltando que o atributo **N** nunca poderá ser vazio. Por isso, Aguiar propõe que o parâmetro **PA** seja o **N** da sílaba na Libras, porém, não inclui o parâmetro **ENM**, nessa estrutura, alegando ter encontrado, em seus dados, esse parâmetro aparecendo apenas com funções pragmático-discursivas e sintáticas, porém não descartou a possibilidade dele aparecer como item fonológico na função de par mínimo entre dois sinais, propondo ser esse um parâmetro suprasegmental do sinal.

Outra questão importante que o autor propõe, é a distinção de peso existente entre as sílabas dentro de um sinal, podendo ser leve ou pesada. Considerando a sílaba pesada somente aquelas que têm **M**, pois teria a sílaba do sinal com a *Coda* preenchida, e no caso de sílabas sem **M** não preencheriam a *Coda*, sendo assim, consideradas as sílabas leves dos sinais na Libras. Embora não tenha sido mencionado, é importante acrescentar que, de acordo com os estudos fonológicos, a palavra fonológica e o pé métrico, são constituintes universais, que estão localizados acima da sílaba, e devem, portanto, figurar na estrutura fonológica da Libras, muito embora ainda precisem ser comprovados nos futuros estudos da fonologia dessa língua.

2.3.3.2 Definição de acento em ASL

Neste subitem, apresentamos o estudo sobre acento, na ASL de Ronnie B. Wilbur (1999) e o adotamos como um estudo de extrema importância, mais especificamente, o que foi abordado sobre acento lexical, pois fora por intermédio desse trabalho que se tornou provável o desenvolvimento da nossa pesquisa. No entanto, não poderemos considerar, inteiramente, o contexto em que foi desenvolvido, devido os nossos dados apontarem para um resultado que contém, além do que foi proposto por Wilbur, um outro diferencial. Contudo, faremos um breve esboço de sua pesquisa, procurando mostrar as conclusões que levaram a autora a propor o acento no item lexical.

O estudo comparativo entre a ASL e o inglês, realizado por Wilbur, propõe constatar a proeminência frasal em ASL, revisar a marcação de acento e limites de frase, como também discutir a atribuição de destaque a nível frasal, com breve menção ao acento lexical. A autora esclarece que para tratar da proeminência, primeiro, é importante definir qual sinal está sendo acentado e identificar os fatores que contribuíram para essa percepção. Uma vez encontrado o sinal acentado, poderá identificar as regras para a colocação de acento na frase. Todavia, percebeu que a estrutura frasal da ASL não possui plasticidade para mover essa proeminência para marcar o foco em um local diferente do final da frase.

Ao tratar do acento frasal a autora afirma que o acento incide no sinal e não propriamente na sílaba. “*Stressed signs are modified and set off from the other signs in a frase by means of one or more of several perceptual cues*”²⁶ (WILBUR, 1999, p. 233). Partindo desse pressuposto Wilbur ilucida que os sinais acentuados, na oração, têm um número significativamente maior de sílabas do que as suas contrapartes não acentuadas, mas as sílabas individuais em sinais acentuados não são necessariamente mais longas, declarando que os sinais que recebem proeminência exibem fronteiras de transição mais nítidas entre o sinal acentuado e os sinais não acentuados. Estes são produzidos fisicamente mais altos no espaço de sinalização do que os demais sinais não acentuados da frase, e são produzidos com aparente aumento da tensão muscular.

Segundo Liddell (1978 apud WILBUR, 1999 p. 234), ao analisarem os fatores que instigam a duração do sinal, relatou que os sinais finais com expressão são marcados pelo aumento da duração, assim como os sinais iniciais, embora em menor alcance. Todavia, Wilbur afirma que a proeminência é possível quando há o aumento da velocidade de pico,

²⁶ Os sinais acentuados são modificados e partiram dos outros sinais em uma frase por meio de uma ou mais de várias pistas perceptivas (tradução nossa).

quando os sinais proeminentes atingem uma velocidade máxima de pico, em relação aos sinais não acentuados. Sendo assim, o alongamento final da frase aumenta a duração, a proeminência aumenta a velocidade do pico e o deslocamento varia conforme necessário. Preferivelmente a aceitação de proeminência ocorra na posição final da frase.

Ao analisar a presença da proeminência em posição final, Wilbur também constatou que para ser a linearidade relevante, é necessário estabelecer que os pronomes finais nem sempre são impedidos de serem proeminentes. Se aparecer os pronomes finais não acentuados na ASL, serão pronomes clíticos, esse será sua posição na frase envolvida. Com uma exceção nos estímulos (um objeto de uma preposição), os pronomes finais estão em uma posição em que eles poderiam ser vistos como clíticos na frase de predicado imediatamente anterior.

Como foi possível perceber, segundo Wilbur, o acento frasal incide no sinal, preferencialmente da direita para esquerda. Todavia, o nosso objetivo é entender onde ocorre o acento, em relação ao léxico. Ressaltando que para Wilbur o N da sílaba seja o M, precisamos nos ater em compreender como isso seria possível ocorrer em uma LS, em que o N seja o PA, como já explicitado no item 3.3.3.2.1.

Segundo Wilbur (1999), a atribuição de acento lexical na ASL é direta e previsível. Embora existam evidências de que, nas sílabas da ASL, ocorram diferenças, em relação ao peso, isso não interfere na atribuição de estímulo em nível de palavra. Não há pares mínimos na ASL que dependam crucialmente da colocação de acento. Uma das principais razões para isso é que a maioria dos sinais, em ASL, são monossilábicos. Existem apenas dois modos para que os itens lexicais não compostos tenham mais de uma sílaba, ambas extremamente restritivas em relação à atribuição de acento, ou seja, o acento é previsível em:

(a) signs formed as a result of lexicalization of a reduplicated monosyllabic item. A single movement is repeated and the resulting form is frozen (usually a two-movement sign with a transitional movement in between; examples include the ASL signs NAME and CHAIR). In these forms, only the first syllable is prominent (Coulter, 1990); and (b) lexical disyllables, that is, if the morpheme itself requires two syllables. There are two types of disyllables (Wilbur, 1990b): (1) the movement of the second syllable is rotated 180 degrees from that of the first syllable (back-and-forth, side-to-side, or up-and-down movement; and (2) the movement of the second syllable is rotated 90 degrees from the first (as in tracing the shape of a cross). Supalla and Newport (1978) discuss the first type, which they term bidirectional, and note that prominence is equal on both syllables. It is also the case that prominence is equal on both syllables in the second typ²⁷ (WILBUR, 1999 p. 243).

²⁷Tradução nossa: (a) sinais formados como resultado da lexicalização de um item monossilábico reduzido. Um único movimento é repetido e a forma resultante está congelada (geralmente um sinal de dois movimentos com um movimento de transição no meio, os exemplos incluem a ASL assina NOME e CHAIR). Nessas formas, apenas a primeira sílaba é proeminente (Coulter, 1990); e

(b) dissílabas lexicais, isto é, se o morfema necessita de duas sílabas. Existem dois tipos de dissílabas (Wilbur, 1990b): (1) o movimento da segunda sílaba é girado 180 graus daquela da primeira sílaba (de ida e volta, de lado a lado ou de cima e de baixo movimento e (2) o movimento da segunda sílaba é girado a 90 graus do primeiro

Dessa forma, de acordo com Wilbur, é considerado, na ASL, que o léxico não composto tenha, na maioria das vezes, acento na primeira sílaba. No caso dos sinais dissílabos, haverá exceções que requerem proeminência em ambas as sílabas. Embora isso contraste com as regras complexas de atribuição de acento para o inglês, mas é essencialmente o Princípio de Acentuação Básica²⁸. Como diria Wilbur, “... *the Basic Accentuation Principle stresses the leftmost syllable because ASL does not make accentual distinctions among syllables at the lexical level as in many spoken languages.*” (WILBUR, 1999 p. 243)

Nesse sentido, entendemos que por considerar o **M** como sendo o **N** da sílaba na ASL, o acento é permitido incidir no sinal, visto que os sinais são basicamente monossilábicos, com exceção de alguns. Contudo não poderemos considerar todo esse contexto, em consequência de ser, na Libras, o parâmetro **PA** o **N** da sílaba. Entretanto, verificaremos se isso também é possível acontecer na Libras. Além de observarmos que Wilbur não tratou da palavra fonológica e nem do pé métrico, mas nos levou a intuir que eles estão presentes na organização do acento da ASL.

(como no traçado da forma de uma cruz). Supalla e Newport (1978) discutem o primeiro tipo, que eles denominam bidirecional, e note que a proeminência é igual em ambas as sílabas. É também o caso de que a proeminência é igual em ambas as sílabas no segundo tipo.

²⁸Tradução nossa: ...o Princípio de Acentuação Básica enfatiza a sílaba mais à esquerda porque a ASL não faz distinções acentuadas entre sílabas no nível lexical como em muitas línguas faladas.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Tendo como propósito investigar, compreender e evidenciar a materialidade do acento em Libras, tratamos, neste capítulo, de apresentar a metodologia utilizada para o trabalho com os dados do Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras, que constitui nosso *corpus* referencial de análise, como também os traços distintivos de significado proposto por Ferreira (2010), além de pesquisas realizadas sobre o acento em ASL, pela autora Wilbur (1999), livros, artigos, dissertações e teses que tratam da fonética e fonologia da Libras e para fins de comparação, bibliografias que abordam questões da fonética e fonologia da LP.

A escolha de coletar dados do Novo Deit-Libras partiu do princípio de que, segundo Cardoso (2017), trata-se de um dicionário constituído por 9.828 verbetes, além de ser trilíngue,

...apresenta um índice semântico que agrupa os verbetes por temas com descrição da forma e do significado dos sinais. Contém ilustrações gráficas dos verbetes, exemplos sobre o seu uso e a escrita em SignWriting (CARDOSO, 2017, p. 58).

O Novo Deit-Libras é um dicionário conhecido nacionalmente pela comunidade surda brasileira. Dessa forma, nos possibilitou uma maior confiabilidade na análise dos dados, como também a escolha de considerar os traços distintivos de significados propostos por Ferreira (2010), para realizar as análises dessas imagens, visto estes traços serem os que mais se aproximaram do sentido de traços distintivos postulados pelos estudos fonológicos.

3.1 Metodologia de análise

A escolha de estudar parte da fonética e fonologia da Libras correspondeu, evidentemente, a rigorosos e coesivos critérios. O primeiro se refere a pouca quantidade de materiais teóricos, considerando que estudos sobre fonética e fonologia da Libras, mais especificamente sobre a suprasegmentação, são encontrados apenas em alguns trabalhos, em forma de artigos, dissertações, teses e livros. Assim, uma língua como a Libras, com poucos estudos descritivos documentados, sobre o assunto, torna-se para o linguista, uma oportunidade de contribuir para os estudos fonéticos e fonológicos dessa língua. Embora a

pouca quantidade de registros formais de dados da Libras dificulte uma análise mais coerente, não seria esse o motivo de não prosseguirmos com o propósito de nossa pesquisa, afinal, o que interessa para a linguística são justamente os problemas que as línguas nos colocam. O segundo critério foi em selecionar, dentro dos estudos fonéticos e fonológicos, algo que ainda não fora constatado e, que poderia corroborar com a comprovação já realizada sobre a estrutura gramatical da Libras.

Para a seleção do material bibliográfico, levou-se em consideração se o conteúdo apresentado nas obras era passível de ser submetido a uma reanálise fonética e fonológica. Dessa forma, estudos mais generalistas sobre a Libras, assim como trabalhos específicos na área de fonologia da LP, serviram como base de comparação, além de pesquisas sobre ASL que contribuíram para o desenvolvimento de nossa análise. Foram descartadas desta pesquisa as obras/trabalhos que não tratavam/abordavam especificamente aspectos aqui investigados sobre a língua ou que apresentassem dados duvidosos.

Com base nos dados obtidos via levantamento bibliográfico, propomos uma análise do acento em Libras, utilizando como ancoragem teórica, a fonologia prosódica de Nespor e Voegel (1982) e os estudos de Wilbur (1999). As pesquisas realizadas por essas estudiosas figuraram como norte para identificar e classificar o acento na Libras.

3.2 Metodologia para análise do acento em Libras

Diferentemente da ASL, a Libras não dispõe de pesquisas que tratem especificamente de fenômenos prosódicos, como a acentuação. Considerando-se o fato de que a autora Wilbur (1999) tenha deixado em sua pesquisa a possibilidade da ocorrência do acento em ASL, embora, também não tenha tratado dos componentes organizacionais do acento, sinal fonológico e pé métrico, colocamos nossas expectativas de que o resultado de sua pesquisa nos trouxesse pistas que nos levariam a uma possível caracterização da estrutura prosódica dos sinais, como a atribuição do acento. Para tanto, utilizamos como metodologia para a análise do acento, além da pesquisa bibliográfica, os dados disponíveis no Novo-Deit-Libras e os traços distintivos de significado, propostos por Ferreira (2010), como dissemos anteriormente.

3.3 Critérios de seleção dos dados

Como base para análise deste estudo, foram utilizadas imagens/dados coletados no renomado dicionário de Capovilla et al (2013), por ser esse, o referencial de sinais mais usados pela comunidade surda brasileira, como também os traços distintivos de significado, assim como proposto por Ferreira (2010), visto serem esses traços os mais próximos do que é proposto pelos estudos fonéticos e fonológicos. Assim, nos propusemos apenas a comprovar que o acento já (sempre) funcionava nesta língua, porém ainda não fora o foco de nenhum estudo. A seleção dos sinais que constituem o *corpus* da nossa pesquisa seguiram alguns critérios. A seguir elencamos um conjunto de restrições que orientaram a seleção dos dados.

- Usados por mais de três estados;
- Produzidos com uma sílaba;
- Produzidos com sequências silábicas simultâneas ou com sílabas produzidas de forma sequencial;
- Sinais compostos;
- Com sílaba pesada;
- Com sílaba leve;
- Com duração;
- Com intensidade;
- Com altura;
- Com ENM;

A escolha desses critérios foi primordial para a identificação do nosso objeto, pois a partir desses, conseguimos confiabilidade nos dados. Saber que os sinais escolhidos são usados, pela comunidade surda, em mais de três estados, comprova que esses sinais já existiam e são bem utilizados dentro dessa comunidade. Assim, como também, a comprovação de um dado idiossincrático da Libras, o fato do acento poder recair (hipotetizamos), tanto, em sinais produzidos por uma sílaba, como em sinais com sequências silábicas simultâneas e sinais produzidos de forma sequencial.

Das 29 imagens selecionadas para análise, 10 foram produzidas com sequências silábicas simultâneas, 9 com sílabas produzidas de forma sequencial, 3 constituídas por uma única sílaba e 7 são sinais compostos. Das que nos possibilitaram a identificação de sílabas pesadas foram 27 e 2 com sílabas leves e, em relação à proeminência silábica, 6 foram demarcadas pela duração, 18 pela intensidade e 5 pela altura. O parâmetro suprasegmental da

Libras, ENM, foi presenciado em apenas 8 sinais, nos demais sinais, 12 não tinham e 9 não foram identificados, de acordo com os traços propostos por Ferreira (2010).

A escolha de observar o peso silábico, nos sinais, é tão somente o de também evidenciar se na Libras a atribuição do acento está ou não relacionado com essa propriedade. Essa seleção nos permitiu a localização do acento nessa língua.

Para exemplificação dos dados, usamos imagens e Glosas, pois não foi possível realizar as transcrições fonéticas dos sinais. Isso se deve ao fato de ainda não haver uma representação dos símbolos fonéticos da Libras. Não usaremos a Escrita de Língua de Sinais (ELiS), por não ser permitido pelos estudos fonéticos e fonológicos transcrições relacionadas à escrita.

CAPÍTULO IV

MANIFESTAÇÃO DO ACENTO EM LIBRAS

Desde o trabalho precursor de Willian Stokoe, sobre as LSs, todas essas línguas são tidas como naturais, pois já fora comprovado que obedecem aos universais linguísticos e que apesar de se constituírem a partir de modalidades diferentes das línguas oralizadas, elas têm seus elementos fonéticos e sua estrutura fonológica, constitutivos de sua forma linguística. Um deles é inerente às palavras, enunciados e também aos sinais, como já foi corroborado por Wilbur (1990), o acento. Contudo não pretendemos, aqui, provar sua existência na Libras, mas comprovar aquilo que já existia, muito embora, ainda não tenha sido objeto de nenhuma análise, em nenhuma pesquisa anterior a esta.

Assumindo o que foi postulado por Brito (S/D), que os sinais são reconhecidos como itens lexicais, assim como as palavras o são nas línguas oralizadas, prosseguimos com nossa análise, a partir de uma relação entre os estudos da LO e as LSs. Essa relação nos proporcionou uma melhor compreensão do nosso próprio *corpus* e a possibilidade de comprovação empírica dos dados até agora analisados.

4.1 Averiguando os ‘sinais fonológicos’ e o pé métrico na Libras

A realização dos constituintes prosódicos, que estão acima e abaixo da sílaba, nem sempre é idêntica nas LOs, logo, também, não têm motivos para esses constituintes terem um correspondente direto com a Libras. Exemplo disso é o conceito de palavra fonológica, que não pode ser aplicado a Libras, visto se tratar de uma língua de modalidade espaço-visual, em que ao léxico é constituído de sinais e não de palavras. Há assim uma impossibilidade de tratar, na Libras, tal conceito. Por haver emergência dessa representação, propomos o conceito de ‘sinal fonológico’, que embora não signifique o mesmo que palavra fonológica, mantém com ele uma relação semântica.

Como vimos, nos estudos da fonologia prosódica da LO, na palavra fonológica, encontramos uma única sílaba forte, que recebe o acento projetado pelo pé métrico, e as demais que não recebem o acento, serão fracas. É no pé métrico que acontece a organização do acento, por estar entre a sílaba e a palavra fonológica e, em sua combinação silábica, ser indispensável uma relação de dominância, de modo que uma delas receberá o acento, essa por sua vez, será a sílaba dominante e ao mesmo tempo dominada pela palavra fonológica. Partindo dessa conjectura, prosseguimos com o que foi postulado por Aguiar (2013), pois,

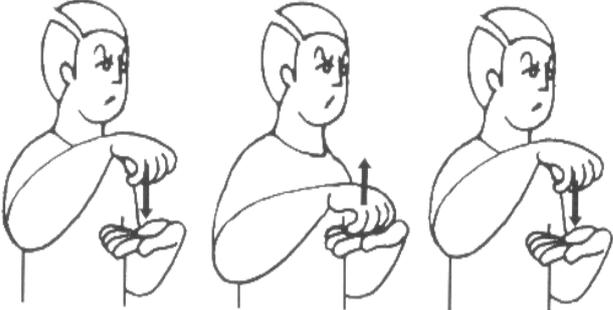
percebemos que há coerência em sua sustentação ao propor uma estrutura silábica, que segue o que, também, foi proposto na representação silábica das línguas oralizadas.

O acento na ASL, sugerido por Wilbur (1999), por sua vez, não foge da regra fonológica, visto considerar os sinais da ASL monossilábicos. Entretanto, isso não se aplica a Libras, como já tratamos no item 2.3.3.2.1. Assim como Aguiar, Wilbur também fez alusão à uma propriedade que pode atrair o acento, o peso silábico.

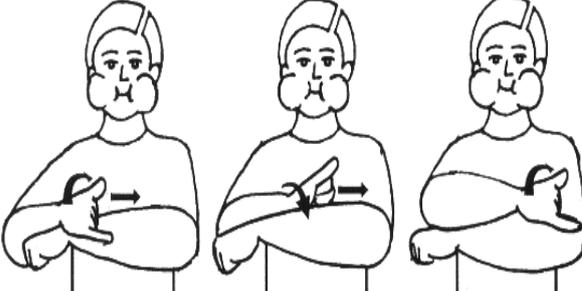
O modo como as autoras abordam essa propriedade, nos chamou a atenção para localizar no sinal fonológico, o pé métrico e conseqüentemente encontrarmos a sílaba acentuada, a sílaba proeminente do sinal em Libras.

Na estrutura silábica da Libras, considerada em nossa pesquisa, o parâmetro **M** é opcional, por ocupar a posição de *Coda*. Todavia, é imprescindível sua presença em uma sílaba pesada. A localização do peso silábico nos proporciona uma possível identificação da sílaba dominante, pois como diria Collschonn (2001), essa propriedade atrai o acento. Contudo, devemos entender que a proeminência de uma sílaba dominante não ocorre, tão somente, em relação ao peso silábico, mas pode, também, acontecer por intensidade, altura e duração. Sendo assim, é necessário considerar que, na Libras, isso ocorra, também, pelo parâmetro **ENM**, postulado por Aguiar, como sendo um parâmetro suprasegmental, mas que tem a tendência de aparecer junto ao parâmetro **M**. Dessa forma, é plausível afirmar que, na Libras, a sílaba dominante seja atraída pelo peso silábico. Vejamos:

Dado 1:

 <p style="text-align: center;">ASPEREZA</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, RS.</p> <p>PA: Espaço Neutro (<u>medial, em frente e palma, contato final</u>).</p> <p>M: Retilíneo, unidirecional, refreado e repetido.</p> <p>ENM: Rosto (lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas).</p> <p>Número de sílabas: Dissílabo.</p> <p>Modo de produção: Sequência silábica.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona.</p>
---	--

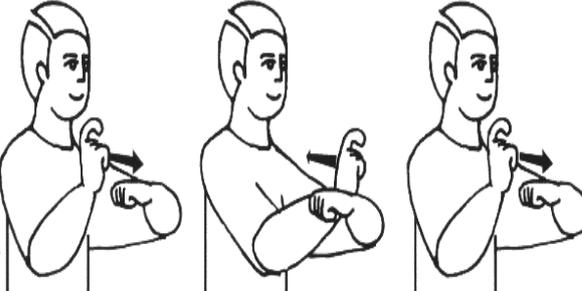
Dado 2:

 <p style="text-align: center;">GORDO</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de MS, PR, RJ, BA, RS.</p> <p>PA: Braços (<u>pulso/contato inicial</u> e <u>cotovelo/atrás/contato final</u>).</p> <p>M: Angular, unidirecional, refreado e simples.</p> <p>ENM: Rosto (bochechas infladas).</p> <p>Número de sílaba: Dissílaba.</p> <p>Modo de produção: Sequência silábica.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona.</p>
--	---

Nos dados 1 e 2, as sílabas são produzidas de forma sequencial. Devido a isso, é possível perceber o fortalecimento de uma única sílaba, em cada sinal em que os pés métricos são binários, por apresentarem dois **PA** e por ser sensível à sílaba dominante, a sílaba que tem todas as posições preenchidas. Enquanto uma mão se posiciona como apoio (sílabas dominadas) a outra (sílabas dominante), associada com o parâmetro prosódico **ENM**, intensifica o sinal. As sílabas dos dois dados são paroxítonas, pois as proeminências incidem nas penúltimas sílabas, da esquerda para direita. Isso se deve ao fato desses sinais iniciarem em um **PA** e se movimentarem para chegarem a outro **PA**. Sendo assim, nos dois dados apresentados acima, é possível perceber a manifestação do acento na Libras. Também é possível perceber o ‘sinal fonológico’ que recebe o acento projetado pelo pé métrico.

Não descartamos a proeminência em sílabas que não contenham o parâmetro **ENM**, pois localizamos, em nossos dados, casos em que foi possível intuir a duração e altura silábica, com apenas o preenchimento da *Coda*, peso silábico, sem a presença desse elemento. Vejamos:

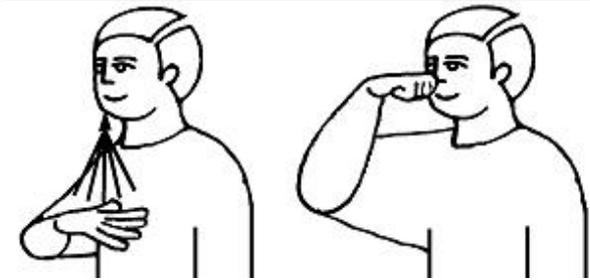
Dado 3:

 <p style="text-align: center;">IGNORANTE</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, CE.</p> <p>PA: <u>Espaço neutro (medial)</u> e <u>Mão (contato final)</u>.</p> <p>M: Retilíneo, bidirecional, contínuo e repetido.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílaba: Dissílaba.</p> <p>Modo de produção: Sequência silábica.</p> <p>Proeminência: Duração.</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona.</p>
--	---

Dado 4:

 <p style="text-align: center;">DEPRESSA</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, PR, SC, RJ, CE, MG, PB, RS.</p> <p>PA: <u>Cabeça (boca/externa)</u></p> <p>M: Retilíneo, bidirecional, contínuo e repetido.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílaba: Monossílaba.</p> <p>Modo de produção: Constituído por uma sílaba</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Oxítona.</p>
---	--

Dado 5:

 <p style="text-align: center;">RESPIRAR</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, MS, RS, CE.</p> <p>PA: <u>Espaço neutro (medial)</u> e <u>Cabeça (nariz/contato final)</u>.</p> <p>M: Retilíneo, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílaba: Dissílaba.</p> <p>Produção de produção: Sequência silábica.</p> <p>Proeminência: Altura.</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona.</p>
--	---

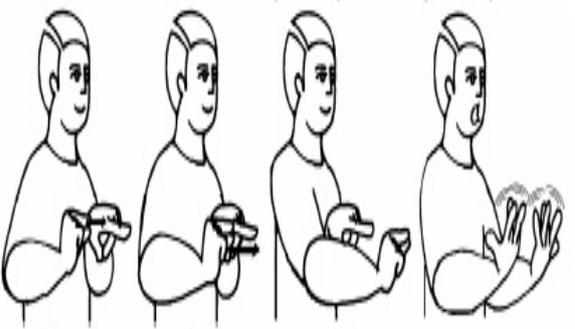
Assim como nos dados 1 e 2, nos dados 3 e 5, os sinais também são produzidos de forma sequencial, com fortalecimento de uma única sílaba. Os pés métricos são binários e os sinais são paroxítonos. Já no dado 4 o sinal é produzido com uma sílaba forte. Contudo não há presença do parâmetro prosódico **ENM**, em nenhum e a proeminência no dado 3 é demarcada pela duração, enquanto no dado 4, é pela intensidade e no dado 5, pela altura.

Ao identificarmos a sílaba dominante em 'sinais fonológicos' simples, passamos a investigar se seria possível, também, visualizar essa proeminência em sinais compostos, em processo de ressilabificação. Ressaltamos que levamos em consideração a idiosincrasia da estrutura silábica proposta por Aguiar (2013), em que *Onset* e *Coda*, são posições preenchidas por constituintes de naturezas diferentes daquelas das LOs, ou seja, consoantes e vogais, como acontece no PB, por exemplo. Na Libras essas posições são preenchidas por constituintes de natureza articulatória outra, como já tratado no subitem 2.3.3.2.1.

Dado 6:

 <p style="text-align: center;">JANTAR</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, MS, PR, SC, RJ, CE.</p> <p>PA: <u>Cabeça (boca/externa)</u> mais <u>Mão (costas da mão)</u>.</p> <p>M: Semicircular, bidirecional, contínuo e repetido mais Semicircular, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não identificada</p> <p>Número de sílaba: Dissílaba.</p> <p>Modo de produção: Sequência de sinais constituídos por uma sílaba, cada.</p> <p>Proeminência: Duração.</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona.</p>
---	--

Dado 7:

 <p style="text-align: center;">INCENDIAR</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, SC, RS.</p> <p>PA: <u>Mão (lado do indicador)</u> e <u>Espaço neutro (medial)</u> mais Espaço neutro (<u>lado direito e esquerdo</u>).</p> <p>M: Retilíneo, unidirecional, contínuo e simples mais Angular, unidirecional, contínuo e repetido.</p> <p>ENM: Não identificada.</p> <p>Número de sílaba: Quadrissílaba.</p> <p>Modo de produção: Sequência Silábica seguida de sequência silábica simultânea.</p> <p>Proeminência: Altura.</p> <p>Sílaba Tônica: No último sinal.</p>
---	--

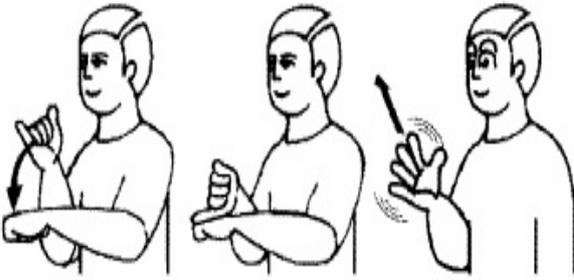
Embora as palavras JANTAR e INCÊNDIO, dos dados 6 e 7, sejam tomadas como palavras morfológicas simples no PB, na Libras, são sinais morfológicos compostos (COMER+NOITE e ACENDER+FOGO). E considerando o contínuo da sinalização na comunicação em Libras, em que um final de um sinal se modifica no encontro com outro sinal, podemos observar processos de ressilabificação. Houve uma ‘junção’ entre os dois sinais compostos, um **M** em posição de *Coda* se reorganizou, unindo-se ao **PA** do sinal seguinte. Dessa forma, o alinhamento dos limites entre os sinais foram perdidos, porém não houve perdas de material fonético, garantindo a preservação dos significados. Os dois sinais morfológicos compostos passaram a serem sinais fonológicos simples, com uma única sílaba forte.

No dado 6, cada sinal, do sinal composto, tem uma sílaba, enquanto no dado 7, o primeiro sinal, do sinal composto, acontece de forma sequencial seguido de uma sequência silábica simultânea e, ao passarem pelo processo de ressilabificação acontece o fortalecimento

de uma única sílaba, os pés métricos passam a ser binários. Contudo diferem, em relação à posição da sílaba tônica e caracterização silábica. A proeminência da sílaba do dado 6 incide na penúltima sílaba (paroxítona) e é caracterizada pela duração, enquanto no dado 7, ocorre no último sinal e é caracterizada pela altura. Apesar de ser perceptível a presença do parâmetro **ENM**, não foi possível identificá-lo, de acordo com os traços propostos por Ferreira (2010).

Em nossa busca encontramos outro dado que nos chamou a atenção. Apesar de, também, ser uma palavra morfológica simples (ALUMÍNIO), no PB, e ser um sinal morfológico composto (FERRO+BRILHAR), na Libras, observamos que nesse dado 8, a última sílaba do primeiro sinal morfológico é fraca e a sílaba do sinal morfológico seguinte é forte. E, ao passarem pelo processo de ressilabificação, não foram impedidos de perderem o alinhamento dos limites entre os sinais e se permitirem a ‘junção’ entre os dois sinais compostos, sem perder o significado, passando a ser um sinal fonológico simples, com uma única sílaba forte, posicionada na última sílaba. Vejamos:

Dado 8:

 <p style="text-align: center;">ALUMÍNIO</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, SC, RJ.</p> <p>PA: <u>Espaço Neutro (medial)</u> e <u>Mão (costas da mão)</u> mais <u>Espaço Neutro (lado direito)</u>.</p> <p>M: Retilíneo, unidirecional, contínuo e simples mais Angular, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Rosto (sobrancelhas levantadas)</p> <p>Número de sílaba: Trissílaba.</p> <p>Modo de produção: Sequência silábica seguida de sinal constituído por uma sílaba.</p> <p>Proeminência: Altura.</p> <p>Sílaba Tônica: Oxítona.</p>
---	--

O primeiro sinal, do sinal composto desse dado, acontece de forma sequencial e o segundo é constituído por uma sílaba e, ao passar pelo processo de ressilabificação, também acontece o fortalecimento de uma única sílaba, o pé métrico passa a ser binário e a posição da sílaba tônica passa a ser a última (oxítona), que é constituído por uma sílaba, caracterizado pela altura.

Ao localizar os componentes fonológicos que abarcam a estrutura do acento, sinal fonológico, pé métrico e sílaba, na Libras, conseguimos avançar, com nossa análise, para o

próximo tópico, em que detalharemos mais sobre as características dessa língua, procurando constatar a manifestação do acento.

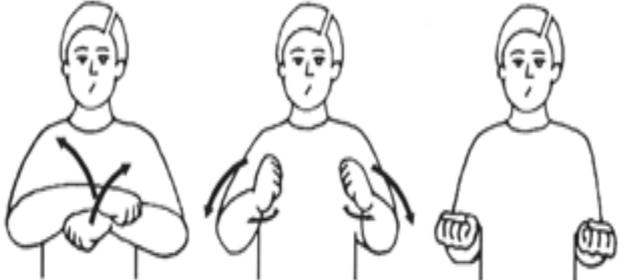
4.2 Caracterizações articulatórias da Libras

Considerando o parâmetro **PA** como *Núcleo* da sílaba, na Libras, Aguiar (2013), nos permite, a partir dos pontos de articulação postulados por Ferreira (2010), visualizar nos nossos dados, uma maior quantidade de sílabas, além das sugeridas em sua pesquisa e, conseqüentemente localizamos aquelas que se posicionam de modo proeminente.

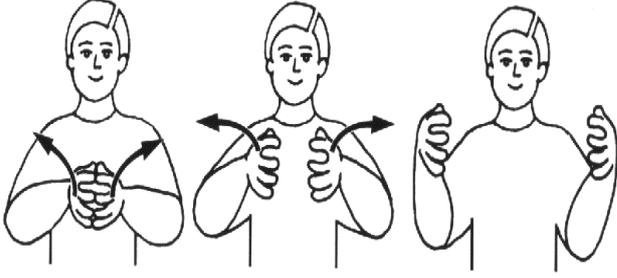
Ao entender a importância de localizar a palavra fonológica e o pé métrico, para então constatar o acento, percebemos a necessidade de haver mais especificidade no traço distintivo de significado proposto por Ferreira (2010), em relação ao Espaço Neutro, pois há vários sinais que acontecem nesse **PA**, que se iniciam, em determinada região e finalizam em outra, embora isso não tenha nos impedido de encontrar sinais com mais de duas sílabas.

Outro traço que também tem ausência de especificidades e, de acordo com Ferreira (2010), que dificultaram a nossa transcrição, foi o parâmetro suprasegmental, **ENM**. Como segue:

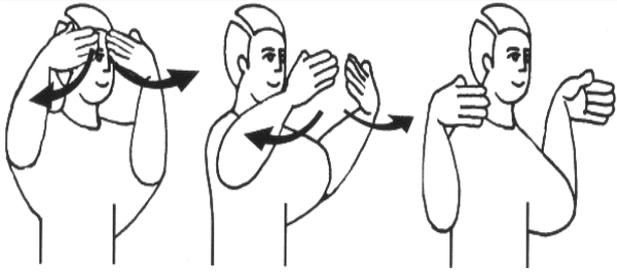
Dado 9:

 <p style="text-align: center;">IMPOSSÍVEL</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, MS, PB, SC, RS.</p> <p>PA: <u>Braços (pulso)</u> e Espaço Neutro (<u>Lado direito e esquerdo</u>).</p> <p>M: Semicircular, unidirecional, contínuo e simples</p> <p>ENM: Não identificada</p> <p>Número de sílabas: Trissílaba</p> <p>Modo de produção: Sequência silábica simultânea.</p> <p>Proeminência: Intensidade</p> <p>Sílaba Tônica: Proparoxítona.</p>
---	---

Dado 10:

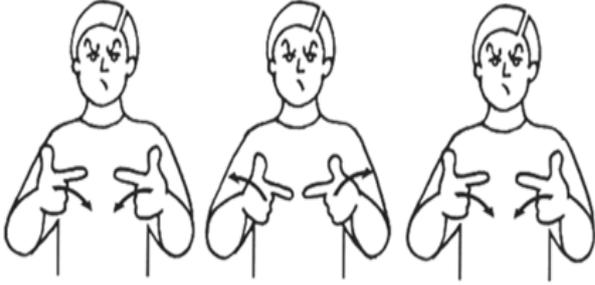
 <p style="text-align: center;">GRANDE</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, CE, PB, RS.</p> <p>PA: <u>Mão (ponta dos dedos)</u> e Espaço Neutro (<u>lado direito e esquerdo</u>).</p> <p>M: Semicircular, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílabas: Trissílaba.</p> <p>Modo de produção: Sequência silábica simultânea.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Proparoxítona.</p>
---	---

Dado 11:

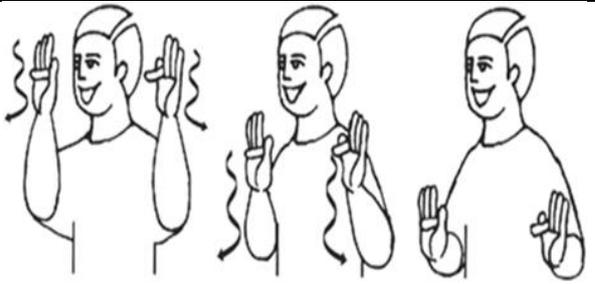
 <p style="text-align: center;">LIBERAL</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, SC, RS.</p> <p>PA: <u>Cabeça (testa)</u> e Espaço Neutro (<u>lado direito e esquerdo</u>).</p> <p>M: Semicircular, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílabas: Trissílaba.</p> <p>Modo de produção: Sequência silábica simultânea.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Proparoxítona.</p>
---	--

Apesar de não haver identificação ou, até mesmo, ausência de **ENM** e com pouca especificidade do **M**, nestes dados 9, 10 e 11 os modos de produção dos sinais são sequenciais silábicos simultâneos e são constituídos por três sílabas (trissílabos), ou seja, três *Núcleos* (**PA**), em que a proeminência é demarcada pela intensidade e as sílabas tônicas incidem na terceira sílaba (proparoxítona). No entanto, encontramos alguns sinais, com sequências silábicas simultâneas, que nos trouxeram dúvidas, os sinais com duas sílabas (dissílabas) realizadas simultaneamente. Apesar de terem duas sílabas, com *Coda* preenchida e acompanhada de **ENM**, não conseguimos identificar qual delas seria a sílaba dominante. Vejamos os dados:

Dado 12:

 <p style="text-align: center;">CHATO</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, MS, PR, SC, RJ, RS.</p> <p>PA: Espaço Neutro (<u>lado direito</u> e <u>esquerdo</u>)</p> <p>M: Semicircular, bidirecional, contínuo e repetido.</p> <p>ENM: Rosto (lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas).</p> <p>Número de sílaba: Dissílaba.</p> <p>Modo de Produção: Sequência silábica simultânea.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: No sinal.</p>
--	---

Dado 13:

 <p style="text-align: center;">FELIZ</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, SC, RJ, BA, RS.</p> <p>PA: Espaço Neutro (<u>lado direito</u> e <u>esquerdo</u>)</p> <p>M: Sinuoso, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não identificada.</p> <p>Número de sílaba: Dissílaba.</p> <p>Modo de produção: Sequência silábica simultânea.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: No sinal.</p>
---	---

Os dados 12 e 13 nos levaram a considerar o que foi postulado por Wilbur (1999), devido à idiossincrasia da LS, que considera, além de sinais produzidos de forma sequencial, ter aqueles produzidos com sequências silábicas simultâneas, ou seja, sinais que têm dois *Núcleos (PA)* sendo produzidos ao mesmo tempo, classificados, também como dissílabos. Nesses casos, o acento recai sobre o sinal e não na sílaba, como é previsto pela fonologia. Nessas ocorrências a localização do pé métrico deverá seguir essa peculiaridade da língua.

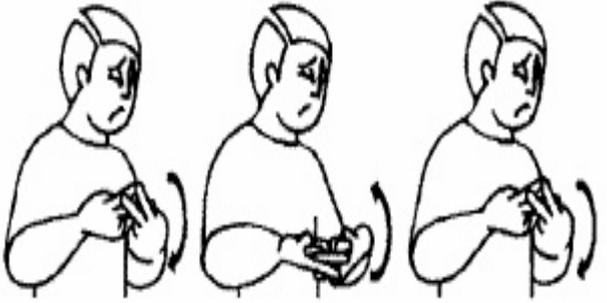
Passamos, agora, a análise de mais alguns sinais, que corroboram para a identificação da manifestação do acento na Libras. Para tanto, organizamos os sinais pelos modos de produção, como são realizados.

Dado 14:

Sinais constituídos por uma sílaba

 <p style="text-align: center;">TRISTE</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, PR, SC, BA, CE, RS.</p> <p>PA: <u>Cabeça (queixo)</u></p> <p>M: Não tem</p> <p>ENM: Rosto e cabeça (cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrancelha franzidas).</p> <p>Número de sílaba: Monossílaba.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Oxítona.</p>
---	--

Dado 15:

 <p style="text-align: center;">PACIÊNCIA</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, MS, CE, MG, PR, SC, RS.</p> <p>PA: <u>Espaço Neutro (medial)</u></p> <p>M: Semicircular, bidirecional, contínuo e repetido.</p> <p>ENM: Rosto e cabeça (cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrancelha franzidas).</p> <p>Número de sílaba: Monossílaba.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Oxítona.</p>
---	--

Nos dados 14 e 15 (TRISTE e PACIÊNCIA), os pés métricos são degenerados, com apenas uma sílaba forte, oxítonas. Embora os sinais sejam formados por uma única sílaba cada, há uma diferença entre eles, que não os impossibilita de receber igualmente a proeminência, caracterizada pela intensidade, enquanto na sílaba do dado 14 é ressaltada apenas pelo elemento suprasegmental **ENM**, o dado 15, conta, também com o peso silábico.

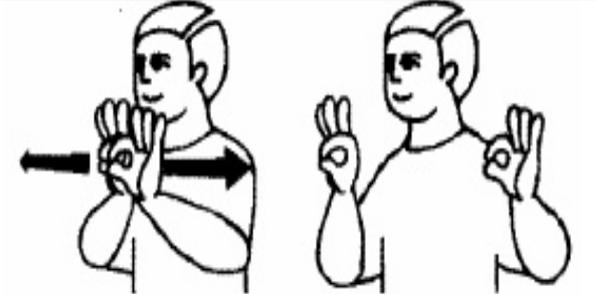
Dado 16:

Sinais produzidos com sequências silábicas simultâneas	
 <p style="text-align: center;">TEATRO</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, MS, PR, CE, MG, SC, RS.</p> <p>PA: Cabeça (<u>boca - lado direito e esquerdo</u>)</p> <p>M: Semicircular, bidirecional, contínuo e repetido.</p> <p>ENM: Não identificada.</p> <p>Número de sílaba: Dissílaba.</p> <p>Proeminência: Duração.</p> <p>Sílaba Tônica: No sinal.</p>

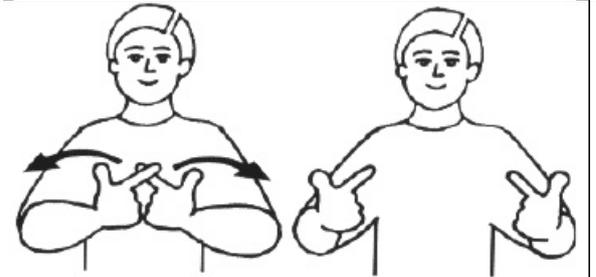
Dado 17:

 <p style="text-align: center;">ALEGRAR</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, DF, MS, PR, SC, CE, MG, RJ, RS.</p> <p>PA: Espaço Neutro (<u>lado direito e esquerdo</u>)</p> <p>M: Semicircular, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não identificada.</p> <p>Número de sílaba: Dissílaba.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: No sinal.</p>
--	--

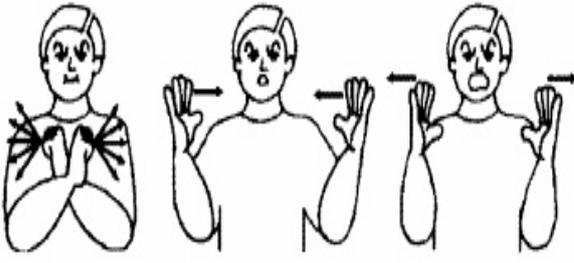
Dado 18:

 <p style="text-align: center;">FINO</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, PR, SC, RS.</p> <p>PA: Espaço Neutro (<u>medial</u>) e Espaço Neutro (<u>lado direito e esquerdo</u>).</p> <p>M: Retilíneo, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílaba: Trissílaba.</p> <p>Proeminência: Duração.</p> <p>Sílaba Tônica: Proparoxítona.</p>
--	---

Dado 19:

 <p style="text-align: center;">SORTE</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, MS, PR, SC, CE, RS.</p> <p>PA: Espaço Neutro (<u>medial</u>) e Espaço Neutro (<u>lado direito e esquerdo</u>).</p> <p>M: Semicircular, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não identificada.</p> <p>Número de sílaba: Trissílaba.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Proparoxítona.</p>
--	---

Dado 20:

 <p style="text-align: center;">BOMBA</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, RS.</p> <p>PA: <u>Espaço Neutro (medial)</u> e Espaço Neutro (<u>lado direito e esquerdo</u>).</p> <p>M: Retilíneo, bidirecional, contínuo e repetido.</p> <p>ENM: Rosto (sobrancelhas franzidas).</p> <p>Número de sílaba: Trissílaba.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Proparoxítona.</p>
--	--

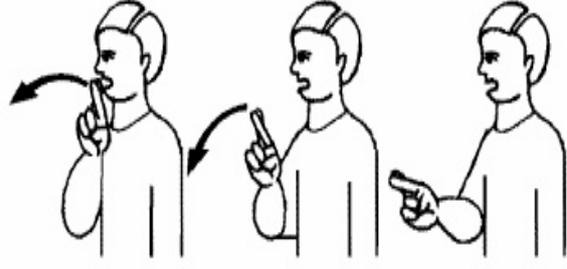
Apesar dos dados de 16 ao 20, serem ‘sinais fonológicos’ e se apresentarem de modos produzidos com sequências silábicas simultâneas, observamos algumas diferenças, entre eles, que determinaram a posição da sílaba dominante. Nos dados 16 e 17 (TEATRO e ALEGRAR), os pés métricos são binários, com as duas sílabas pesadas cada, em virtude da idiosincrasia da língua (sílabas produzidas ao mesmo tempo), no qual o acento recai no sinal, mas com proeminências diferentes, enquanto o dado 16 é caracterizado pela duração, o dado 17 é por intensidade.

Já nos dados 18, 19 e 20, os sinais (FINO, SORTE e BOMBA), percebemos que o acento recai, predominantemente, também, nas sílabas fortes, ou seja, sensíveis ao peso silábico, porém com uma observação, acontecem nas antepenúltimas sílabas dos sinais fonológicos, todas são proparoxítonas, sendo caracterizadas predominantemente pela intensidade.

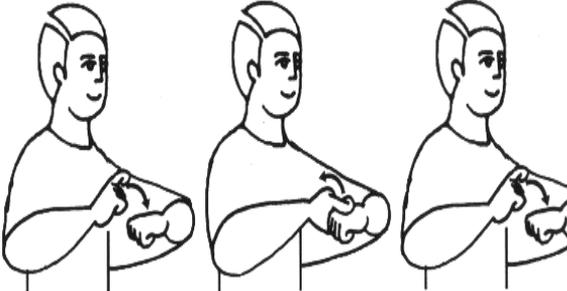
Dado 21:

Sinais produzidos com sequência silábica	
 <p style="text-align: center;">CAFÉ</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, MS, DF, PR, CE, BA, RS.</p> <p>PA: <u>Mão (palma)</u> e <u>Cabeça (boca)</u>.</p> <p>M: Semicircular, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílabas: Dissílaba</p> <p>Proeminência: Duração</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona</p>

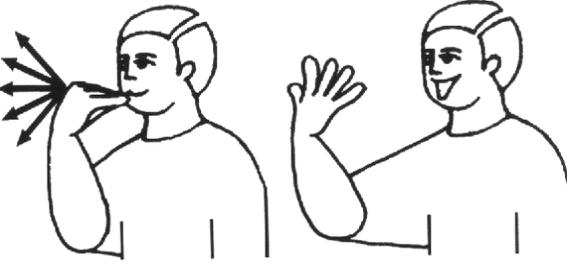
Dado 22:

 <p style="text-align: center;">RESPONDER</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, MS, MG, CE, PR, RS.</p> <p>PA: <u>Cabeça (boca)</u> e <u>Espaço Neutro (medial)</u>.</p> <p>M: Semicircular, unidirecional, contínuo e simples</p> <p>ENM: Não identificada</p> <p>Número de sílabas: Dissílaba</p> <p>Proeminência: Duração</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona</p>
--	---

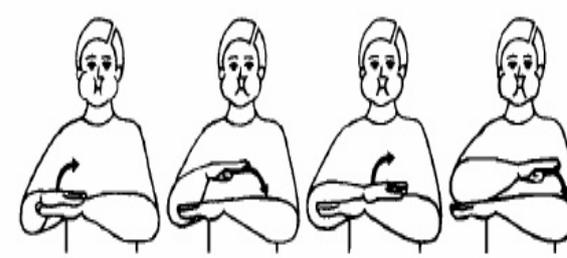
Dado 23:

 <p style="text-align: center;">DURO</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, PR, CE, MG, SC, RS.</p> <p>PA: <u>Espaço Neutro (medial)</u> e <u>Braços (pulso)</u>.</p> <p>M: Semicircular, bidirecional, contínuo e repetido.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílabas: Dissílaba.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona</p>
---	---

Dado 24:

 <p style="text-align: center;">BOM</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, MS, PB, SC, RS.</p> <p>PA: <u>Cabeça (boca)</u> e <u>Espaço Neutro (medial)</u>.</p> <p>M: Retilíneo, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não identificada</p> <p>Número de sílabas: Dissílaba.</p> <p>Proeminência: Intensidade</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona</p>
--	--

Dado 25:

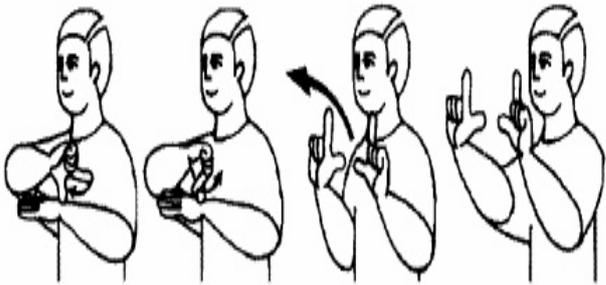
 <p style="text-align: center;">SAPO</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, MS, CE, MG, PR, SC, RJ, BA, RS.</p> <p>PA: Mão (<u>costas da mão</u>) e Braços (<u>antebraço</u>).</p> <p>M: Semicircular, unidirecional, contínuo e repetido.</p> <p>ENM: Rosto (bochechas infladas).</p> <p>Número de sílabas: Dissílaba.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona.</p>
---	---

Ao analisarmos os sinais fonológicos produzidos com sequência silábica, percebemos que a regra de atribuição de posição do acento ocorre, assim como na maioria das línguas orais, na sílaba forte do pé métrico. Dentre os modos de produção analisados, esse é, certamente, o mais apropriado para encontrarmos a proeminência acontecendo na penúltima sílaba do sinal fonológico (paroxítonas). O que há de diferente entre os dados de 21 a 25 é de como o acento é manifestado. Nos dados 21 e 22, a proeminência é demarcada pela duração, enquanto nos dados 23, 24 e 25, a proeminência se caracteriza pela intensidade. Nessas ocorrências todos os sinais foram sensíveis ao peso silábico.

Ao percebermos diferenças, em relação à manifestação do acento, nesses modos, separadamente, propusemos analisá-los de modo conjunto. Procurando averiguar onde o acento mais se revela: no sinal ou na sílaba.

Sinal constituído por uma sílaba seguido de sequência silábica simultânea

Dado 26:

 <p style="text-align: center;">RELÓGIO DE PAREDE</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, CE, MS, RS.</p> <p>PA: <u>Braços (pulso)</u> mais Espaço Neutro (<u>lado direito e esquerdo</u>)</p> <p>M: Semicircular, bidirecional, contínuo e simples mais Retilíneo, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílaba: Trissílaba.</p> <p>Proeminência: Altura.</p> <p>Sílaba Tônica: No último sinal.</p>
--	--

No dado 26, o sinal morfológico composto (FERRO+BRILHAR), na Libras, é tomado na PB como palavra morfológica composta (RELÓGIO DE PAREDE). Esse sinal é constituído por uma sílaba seguida de sequência silábica simultânea e ao passarem pelo processo de ressilabificação perderam o alinhamento dos limites entre eles, passando a se caracterizar como um ‘sinal fonológico’, sem perda de significado. Embora tenha três sílabas pesadas e o pé métrico seja binário, observamos que ele vai seguir a mesma regra de atribuição de acento da língua, pois a proeminência está nas duas últimas sílabas, caracterizadas pela altura.

Sinal constituído por uma sílaba seguido de sequência silábica

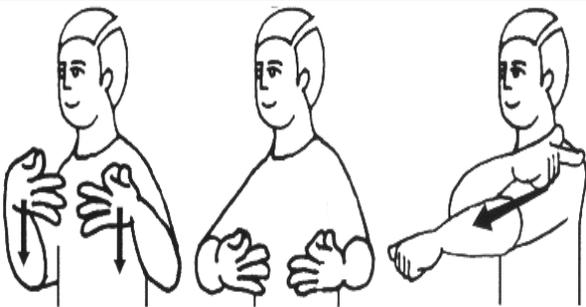
Dado 27:

 <p style="text-align: center;">CACHOEIRA</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, MS, MG, SC, RS.</p> <p>PA: Rosto (<u>queixo</u>) mais Mão (<u>costas das mãos</u>) e Espaço Neutro (<u>medial</u>)</p> <p>M: Semicircular, bidirecional, contínuo e repetido mais Semicircular, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílaba: Trissílaba.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona.</p>
--	--

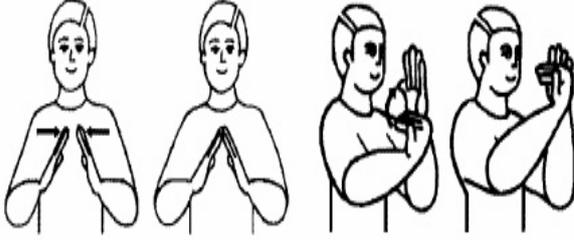
No dado 27 o sinal é composto de duas partes, sendo a primeira formada por um sinal constituído por uma sílaba seguido por uma sequência silábica que ao passarem pelo processo de ressilabificação perderam o alinhamento dos limites entre eles, passando a se caracterizar como um ‘sinal fonológico’. Embora tenha duas sílabas pesadas e uma leve, o pé métrico seja binário, observamos que a manifestação do acento recai na segunda sílaba (**PA**), da direita para esquerda, caracterizado pela intensidade. Identificamos a última parte do sinal como sendo um morfema preso uma vez que ele se repete em outros dados do léxico da Libras para complementar o sentido genérico de derramamento, vazamento, espalhamento, normalmente líquidos.

Sinais constituídos por sequência silábica simultânea, seguido de sinais com sequência silábica.

Dado 28:

 <p style="text-align: center;">HONESTO</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de SP, RJ, RS.</p> <p>PA: Espaço Neutro (<u>lado direito e esquerdo</u>) mais Tronco (<u>ombro</u>) e Braços (<u>pulso</u>).</p> <p>M: Retilíneo, unidirecional, contínuo e simples mais Angular, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílaba: Quadrissílaba.</p> <p>Proeminência: Intensidade.</p> <p>Sílaba Tônica: No primeiro sinal</p>
--	--

Dado 29:

 <p style="text-align: center;">SOBRADO</p>	<p>Usado pela comunidade surda dos estados de PR, MS, RS.</p> <p>PA: Espaço Neutro (<u>medial</u>) mais Mão (<u>palma e dedos</u>).</p> <p>M: Sem M mais semicircular, unidirecional, contínuo e simples.</p> <p>ENM: Não tem.</p> <p>Número de sílaba: Trissílaba.</p> <p>Proeminência: Altura.</p> <p>Sílaba Tônica: Paroxítona.</p>
--	---

Nos dados 28 e 29, os sinais compostos são produzidos por sinais com sequência silábica simultânea, seguidos por sequência silábica. É possível observar que no contínuo da sinalização acontece o processo de ressilabificação, que se reorganizam e se unem, perdendo o alinhamento dos limites entre os sinais, passando a serem ‘sinais fonológicos’, com uma única sílaba forte, em que o acento é manifestado. A diferença presente nesses dois dados é a posição da manifestação do acento. No dado 28, o acento recai no primeiro sinal da esquerda para direita, com proeminência manifestada por intensidade e no dado 29, o acento recai na segunda sílaba da direita para esquerda (Mão/palma), pois é nesse **PA** que o acento se manifesta com proeminência de altura.

Nos dados de sinais compostos apresentados, percebemos que o acento recai, predominantemente, nas sílabas fortes, ou seja, sensíveis ao peso silábico, sendo manifesto tanto no sinal como na sílaba, caracterizado pela altura e intensidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre o processo histórico dos surdos nos proporcionou a oportunidade de compreender o processo de construção da Libras e, principalmente, o processo formador da afirmação cultural, conquistada por um povo que batalhou/batalha incessantemente pelo direito de ser considerado cidadão brasileiro, com os mesmos direitos que todo cidadão tem. A conquista da promulgação da lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e também, no mesmo ano, a lei 10.098/2002 (BRASIL, 2002), permitiu/permite a abertura de novas conquistas para essas pessoas. Apesar dos direitos concedidos, continuaram a lutar pela sanção dessas leis.

Posterior a essas conquistas, a regulamentação da lei 10.098/2002 (BRASIL, 2002), realizada em 2005, pelo decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) e no ano 2010 oficializada/regulamentada a lei Federal 12.319/2010, assim como a promulgação da lei 13.146/2015, fortaleceram/fortalecem, tanto o reconhecimento da Libras como segunda língua oficial do país, como também a afirmação cultural de um povo.

As nuances desse processo, ainda, têm sido árduas para as instituições de ensino, familiares dessas pessoas e para sociedade, pois, essas informações, ainda, necessitam ser mais difundidas, em todo país.

A Libras, assim como qualquer outra língua, possui todas as características fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas das línguas orais, além de outra característica própria dela, que é a visual. Assim como as línguas orais são naturais, as LSs, também são, mas com modalidades diferentes. Enquanto a primeira é oral-auditiva, a segunda é espaço-visual. Apesar de haver essa diferença, é de se esperar que ambas possuam características em comum. A existência de constituintes prosódicos é uma delas. Todavia, devemos notar que diferenças incididas da modalidade podem aparecer. Dentre elas destacamos uma, que foi importante para compreensão da localização do acento na Libras. Enquanto nas línguas orais tem dois conjuntos, vocálicos e consonantais, em LSs, são cinco parâmetros formadores de sinais, conseqüentemente de sílabas.

Procurando responder as nossas perguntas sobre o possível acento na Libras, constatamos, a partir do encontro entre os estudos fonéticos e fonológicos da LO e estudos fonéticos e fonológicos das LSs, como também a análise dos nossos dados, que esse elemento também está presente na Libras, apesar de se apresentar de um modo diferente do que foi proposto por Wilbur (1999). Devido a idiossincrasia da língua, o acento, tanto pode acontecer no sinal, como também na sílaba.

O modo como Aguiar (2013) e Wilbur (1999) trataram do peso silábico, que segundo Collschonn (2001), essa propriedade atrai o acento, nos proporcionou lacunas, para encontrar o sinal fonológico, o pé métrico e conseqüentemente a sílaba proeminente, a sílaba acentuada no sinal da Libras. Essas brechas correspondem ao que é proposto na fonologia das línguas oralizadas, para efeito de atribuição de acento.

Após a análise dos dados podemos chegar a algumas conclusões que abaixo retomamos de forma sucinta. Dentre os dados analisados foram constatados a presença de sinais:

- Com mais de duas sílabas;
- Predominantemente sensíveis ao peso silábico;
- Predominantemente, com sílaba tônica na penúltima sílaba;
- Com grande probabilidade de a proeminência ser por intensidade.

Ao encontrarmos essas características na Libras, percebemos que, assim como acontece no PB, na Libras o acento não é totalmente livre, por conter restrições nas possibilidades de realização, antepenúltima, penúltima e última sílaba do sinal fonológico. Contudo podemos intuir que seja razoavelmente previsível, pois, predominantemente, recai na penúltima sílaba.

A localização do peso silábico, na estrutura silábica, postulada por Aguiar (2013), tornou possível a identificação de várias sílabas dominantes, na Libras. Embora tenhamos percebido que, predominantemente, o acento seja atraído pelo peso silábico, não podemos concordar que o acento aconteça, tão somente, nessas sílabas, pois, em nossos dados, encontramos sinais com proeminências se apresentando, tanto, pela altura, duração, como também, pela intensidade. E ao analisar nossos dados, percebemos que isso acontece em decorrência da presença do parâmetro suprasegmental, **ENM**. Ressaltando que, o acento se apresenta, nessa língua, na maioria das vezes, com apenas a *Coda* preenchida, ou seja, a sílaba dominante é, predominantemente atraída pelo peso silábico.

A localização do ‘sinal fonológico’ e do pé métrico, na Libras, corroboram para a constatação de que essa língua, assim como as línguas oralizadas, são constituídas de elementos prosódicos. Assim como intuimos mais dois elementos da hierarquia prosódica (‘sinal fonológico’ e pé métrico), além da sílaba na Libras, almejamos que futuras pesquisas possam corroborar com a complementação dos estudos prosódicos. Acreditamos que pesquisas mais aprofundadas sobre fonologia da Libras devam levar em consideração novas formas de representações de construtos teóricos, como as noções de fone e fonema.

Nas análises realizadas em nossos dados, podemos confirmar três modos de produção de sinais fonológicos: constituído por uma sílaba, sequência silábica e sequência silábica simultânea. Sendo, também, encontrados sinais, em que esses modos são articulados de forma conjunta. Independentemente do modo como os sinais fonológicos foram produzidos, alcançamos nossos objetivos. O acento está presente na Libras e se caracteriza tanto pelo peso silábico, como também pela intensidade, duração e altura. E em decorrência da sua idiossincrasia, pode recair tanto na sílaba como no sinal.

REFERÊNCIAS

LINKS DE APOIO

BISOL, Leda. **Mattoso Câmara Jr. E a Palavra Fonológica**. D.E.L.T.A., 20: Especial, 2004 (59-70). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000300006. Acesso em: 06/02/2018.

BRASIL. **Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 17/09/2014.

BRITO, Lucinda Ferreira. **A Gramática de LIBRAS**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/22653284/A-Gramatica-de-Libras-LUCINDA-FERREIRA-BRITO>. Acesso em: 02/10/2013.

Configuração de mãos. Disponível em: Fonte: <http://charles-libras.blogspot.com.br/2014/10/configuracoes-de-mao.html>. Acesso dia 17/08/2017.

Estudo Histórico dos surdos. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2835735>. Acesso em: 11/04/2017.

FENESIS. **História da Educação do surdo no Brasil**. Disponível em: http://www.feneis.com.br/page/noticias_detalhe.asp?categ=1&cod=623. Acesso em: 02/09/2013.

LEITE, Emeli Marques Costa. **Os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva**. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/pdf/livro3.pdf>. Acesso dia 13/04/2017. Acesso em: 11/04/2017.

LIBRAS. **Imagem de par mínimo**. Disponível em: <http://segredos-abominantes.blogspot.com.br/2012/11/libras.html>. Acesso em: 16/11/2017.

LIBRAS. ITZ. **Imagem de par mínimo**. Disponível em: <http://librasitz.blogspot.com.br/2010/07/os-cinco-parametros.html>. Acesso em: 16/11/2017.

LIBRAS: Oralismo, Bilinguismo e comunicação. Disponível em: <http://www.slideshare.net/miassis/oralismo-bilinguismo-e-comunicacao>. Acesso em: 11/04/2017.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos**. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mhmateus-prosodia.pdf>. Acesso dia 03/07/2017.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação de surdos**. 2009. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificahistoriaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf>. Acesso em: 02/04/2017.

STROBEL, Karin Lilian e FERNANDES, Sueli. **Aspectos Lingüísticos da Libras**. Disponível em: <http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/livros/aspectoslinguisticosLibras.pdf>. Acesso em: 06/02/2018.

TEXEIRA, Vanessa Gomes. **A iconicidade e arbitrariedade na Libras**. Disponível em: <file:///C:/Users/ALESSANDRA/Documents/Materiais%20para%20disserta%C3%A7%C3%A3o/A%20iconicidade%20e%20arbitrariedade%20na%20Libras%20-%20VANESSA.pdf>. Acesso em: 17/07/2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Thiago Cardoso. **Nova proposta de sílaba em Libras**. 2013, 102 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Bíblia Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BOTELHO, Adriana Fernanda Fray. **Um estudo da escrita de alunos surdos do ensino fundamental**: ciclo III da rede municipal de Araraquara. 2009. 121 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara – SP, 2009.

CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D.; LUZ, Renato D. Como usar este dicionário enciclopédico ilustrado trilingue. In: CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. 3. ed. Ilustrações de Silvana Marques. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, v. I: sinais de A a L e v. 11: sinais de M a Z. 2013.

CARDOSO, Vilma Rodrigues. **O dicionário da Língua Brasileira de Sinais e suas contribuições**. Revista Sinalizar, v. 2, n. 1, p. 50-66. jan/jun, 2017.

COLLISCHONN, Gisela. O acento em português. In: Bisol, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 125-158.

COSTA, Juliana Pellegrinelli Barbosa. **A educação do surdo ontem e hoje**: posição sujeito e identidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 2010.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?: que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

HOUAISS, Antônio; SALLES, Villar Mauro de. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** 1. ed. elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIMA, Maria do Socorro Correia. **Surdez, Bilingüismo e Inclusão:** entre o dito, o pretendido e o feito. 2004, 271 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MAIA, Valdeci.; VELOSO, Éden. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez.** Vol. 1 e 2. Curitiba – PR: Mãos Sinais, 2009, 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. **Manual de linguística.** São Paulo-SP: Contexto, 2011.

MISTIERY, Fernanda Regina. **Acento em língua Tupi-guarani:** uma análise comparada. 2013. 123 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista - UNESP, Araraquara-SP, 2013.

MORAES, Fabiane Ferreira da Silva. **Representações da surdez no discurso oficial:** uma análise a partir da lei 13.146/2015. 2017. 174p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

MORI, Angel Corbera. Fonologia. In: MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística:** domínios e fronteiras. VI 1e 2. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 147-179.

MOURA, M. C. de. **O surdo:** caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

OLIVEIRA, Janine Soares de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras.** 2015, 425 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós - Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

QUADROS, Ronice Müller de; CRUZ, Carina Rebello. **Língua de sinais brasileira:** Instrumentos de avaliação. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira:** Estudos linguísticos. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. **Aspectos da fonologia xavante e questões relacionadas:** rinoglotofilia e nasalidade. 2012, 501 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2012.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, Fonética e ensino:** guia introdutório. 1. ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2016.

ROCHA, Solange. **O INES e a educação de surdos no Brasil:** Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Governo Federal, 2008. 1 v.

_____. **Memória e história:** a indagação de Esmeralda. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2010.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete.** Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

SCARPA, Ester M. **Estudos de prosódia.** Org. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **Os movimentos enunciativos da criança na linguagem.** Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 77-94. 2ª parte 2011.

SILVA, Fábio Irineu da; REIS, Flaviane; et al. **Aprendendo língua brasileira de sinais como segunda língua.** Santa Catarina: NEPES, 2007.

SILVA, Nilce Maria da. **Instrumento linguísticos de Língua Brasileira de Sinais:** constituição e formulação. 2012, 272 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SILVA, Thaís Cristofáro. **Dicionário de Fonética e Fonologia.** 1 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** 27ª ed. Org. por Ch. Bally e Sechehaye, com a colaboração de A Reidlinger. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, SP: Cultrix, 2006.

STROBEL, Karin Lilian. Surdos: **Vestígios Culturais não Registrados na História.** 2008, 176 p. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WILBUR, Ronnie B. (1999). Stress in ASL: **Empirical Evidence and Linguistic Issues.** Language and Speech, v 42, n 2-3, p. 229-250.

XAVIER, André Nogu, neira. **Descrição fonética-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais – libras.** 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.